

QUEM NA VERDADE SOMOS

Por. Dr.: Gervasio das Neves, Professor e Presidente do ADMIRAL INSTITUTE - Rep. Dominicana.

Introdução

É raro ver no mundo ocidental um artigo, uma reportagem jornalística ou um programa televisivo que fale de coisas positivas acerca do nosso continente e das nossas nações. África, o continente mais rico do mundo, é o continente menos conhecido, menos compreendido, e menos estudado.

Quando se fala da parte do globo que nos pertence, geralmente se pensa em animais, safari, bosquímanos, pigmeus, e doenças. Nas notícias, faz-se menção dos golpes de estado quando ocorrem, fala-se das guerras civis sempre quando infelizmente brotam, e cobre-se as resultantes fome massivas, mas não se vê África em outras luzes.

Tenho estado a maior parte da minha vida no lado oposto do Atlântico e, nunca vi uma cobertura da vida africana. Nunca ouvi discos de África pelas emissoras americanas ou antilhanas. Nunca vi por televisão as cidades africanas, sejam as antigas ou as modernas, excepto Joanesburgo uma vez, e foi quando o apartheid estava vivo e forte. Nas escolas, desde a primária até a universidade nunca se ouviu coisa boa acerca do africano e da sua contribuição a civilização moderna. São muitos os americanos que pensam que África não passa de uma selva com aldeias no meio e muitos animais. São muitos os intelectuais pelo mundo fora que tem cara de dizer barbaridades de que o africano é, em resumidas palavras, um ser inferior.

África está relegada pela sociedade ocidental como o continente escuro. Esta atitude resulta dos longos anos de uma conspiração informativa sem a qual teria sido impossível subjugar as nações colonizadas. Nos venderam mentiras, e as verdades foram torcidas, claro está, para benefício das potências colonizadoras.

Conseguimos a liberdade política, mas continua essa colonização informativa em que o mundo inteiro foi submetido desde a queda de Granada em 1492. Quantas mentiras tem sido contadas acerca do africano? Quantas mentiras tem sido compradas pelo mundo, inclusivamente pelos povos dos países colonizadores e por certos africanos? Quantas vítimas? Tão profundamente enraizadas estão as mentiras que alguns africanos insulares e da diáspora especialmente os que agarram a etiqueta de crioulos, pretendem ser outra coisa desde que não seja africano.

Ha santomenses que flutuam nessas ondas, demonstrando que não se tem dado passos em frente quanto ao reconhecimento da nossa africanidade.

O colonialismo de informação e como enfrentá-lo

Muitos não sabem que foram vítimas das propagandas sobre uma suposta inferioridade africana. O colonialismo nos fez pensar que nada positivo saiu da África, e que tudo digno de louvor veio da Grécia e de Roma. Nessas circunstâncias, como poder-se-ia identificar com África e coisas africanas?

Disso não ha saída, excepto pela via da reconstrução das mentes através de informação e conhecimentos correctos, principalmente os da historia africana que as potências coloniais sempre disseram que não existia.

Por mais de cinco séculos os colonialistas nos vendaram os olhos com trapos. Infelizmente, ate o sol de hoje os trapos continuam postos. Tapar-nos as verdades com mentiras e silencio foi para eles uma táctica eficiente para nos subjugar, táctica que os colonizadores tinham já utilizado para conquistar o Egipto. Sabiam que se nos deixassem saber as verdades o sistema colonial se colapsaria em pouco tempo. Sabiam que teria sido sumamente árdua a tarefa de manter-nos colonizados ou escravizados se conhecêssemos a nossa gloriosa historia, uma que grita coisas ainda hoje ocultas, mas evidentes se nos dirigimos aos museus, aos lugares históricos, e aos livros antigos.

Ha provas que podem ser apreciadas se limpamos os óculos embaciados pelas mentiras. África, no passado e no presente, especialmente no passado, esta cheia de grandezas inapagáveis. Porém, em tanto contraste estão as verdades que se não estamos preparados para ouvi-las, podemos cair em estado de choque, mesmo ao ponto de bloqueá-las.

Estar preparado significa questionar obras escritas depois da instauração do colonialismo, da escravatura e do racismo, e também significa confiar mais nas fontes mais antigas. Na lista das fontes confiáveis estão as sagradas escrituras como máxima autoridade, estão os livros clássicos deixados pelos historiadores gregos e árabes, estão as inscrições, os monumentos, e outros vestígios encontrados nas ruínas e objectos culturais.

Os livros escritos pelos egípcios e outros africanos da antiguidade são hoje em dia raríssimos ou inexistentes, pois estavam quase todos guardados nas bibliotecas egípcias, as quais foram incendiadas pelos invasores. Por sorte, parte dos conhecimentos guardados em Egipto haviam sido estudados pelos gregos nas universidades egípcias. Entendo que as civilizações africanas que surgiram depois do colapso do Egipto foram as de Ghana, Mali, e Shongai, e que muitos estudiosos estrangeiros assistiram as aulas nas universidades de Timbuctu e Gao. Entre esses estrangeiros estavam alguns árabes que deixaram os seus livros.

As obras desses gregos e árabes são extremamente valiosas para a investigação da historia africana, como também são o que podem relatar os historiadores orais africanos cujas informações foram passadas de geração a geração. Pode-se então comparar o que dizem os historiadores orais com as informações escritas, e pode-se também estudar as ruínas, os objectos achados, e alguns monumentos.

Este procedimento tem sido seguido pelos historiadores contemporâneos que não fazem parte da conspiração colonial, nem são propagandistas da supremacia europeia ou ocidental. As suas informações, junto com as que estão na Bíblia, me fascinam, e graças a elas saí da escuridade deixada pelo colonialismo português e comecei a ver a luz que ainda está a distancia. Terminarei com uma lista de fontes que merecem atenção pelas verdades contidas, verdades que muitos europeus e africanos achariam assombrosas.

Os primeiros protagonistas da civilização

Não é verdade que a civilização teve início em Grécia e Roma ou algures em Europa. Os gregos foram ao Egipto estudar, e os romanos aprenderam com os gregos. Mas os egípcios são postos em terceiro lugar e muito a distância, e quanto a descrição física dos mesmos, o sistema colonial nos deu e continua dando a impressão que eram de tipo europeu. Depois, relata a versão europeia, chegaram os mouros com quem aprenderam bastante para poderem sair do atraso da Idade Média. Mas quem eram esses egípcios, e esses mouros que tanto ensinaram aos europeus?

Segundo as escrituras e autores menos comprometidos com a causa do colonialismo de informação, se filtramos todo o matetê para deixar claro o azeite, verificamos que esses egípcios e mouros eram nossas gentes.

Nos conta Moisés no livro de Génesis que só sobreviveram o grande Dilúvio um velho chamado Noé, os seus três filhos, e os familiares destes. Os três filhos de Noé eram Jafet, Cam e Sem. Sabemos que os Jafesitas são as gentes descendentes de Jafet, que os Semitas são os descendentes de Sem, e que os Camitas são descendentes de Cam.

Já os académicos estabeleceram que os Jafesitas foram os que cruzaram os Montes Caucásicos e ocuparam Europa, onde supostamente perderam a cor. Sabemos que os arianos, francos, godos, visigodos, eslavos, suevos, gregos, anglos, jutes, saxões, vikings e sarracenos eram os Jafesitas, gentes de pele branca.

Os académicos já nos demonstraram que os Camitas eram os mais escuros entre os descendentes dos três filhos de Noé, isto é, negros. Moisés faz-se bem claro quando nos diz que os filhos de Cam, para mencionar alguns, eram Mezraim, Canaan, Cush e outros, e que Canaan ocupou onde hoje está Israel, e que os demais viajaram as terras do sul.

Se compreende no livro de Génesis que Mezraim era o povo que mais tarde passou a chamar-se Egipto. Também se compreende que Cush passou a ser terras do sul de Etiópia. Se compreende que Nimrod era também um Camita, e que ele fundou vários reinos, incluindo Babilónia, onde estava a Torre de Babel cuja construção deu origem à divisão e separação dos descendentes dos Jafesitas, Semitas, e Camitas, cada grupo com sua língua e seguindo rotas diferentes. Se compreende no livro de Êxodo que Canaan correspondia ao que passou a ser Israel. Sabemos que os Finícios e os Cartagineses eram todos descendentes de Canaan. Todas estas gentes, descendentes de Cam, eram negras, muito negras. Segundo alguns autores, os Semitas descendentes de Sem, eram também negros, e alguns destes também ocuparam o nosso continente, aparentemente mais tarde.

O ponto a que quero chegar é que só os Jafesitas eram brancos, e que em África só haviam Camitas e alguns grupos Semitas. Ao Egipto chegaram brancos nos últimos séculos deste reino que durou cerca

de 6,000 anos!

África inteira, ou Káfrica como se dizia antes, desde Tuinis ao Cabo da Boa Esperança, nos tempos idos, era terra dos negros como o mesmo nome indica, terra dos kafir. Egipto existia naqueles tempos.

Todas as sociedades contemporâneas sabem da grandiosidade do Antigo Egipto, mas tão profundas estão as mentiras nas mentes ocidentais e ocidentalizadas que poucos dão conta que Egipto está em África. Pouco sabem que esse Egipto, muito antes do Alexandre o 'Grande' e das outras invasões, muito antes, já era uma potência por milénios. E, para mim mais importante, poucos sabem que durante esses primeiros milénios, no tempo das pirâmides, e das ciências de medicina, matemática, astronomia, geometria, no tempo da arquitectura, etc., antes de surgir algum país chamado Grécia ou Roma, os egípcios pareciam todos como qualquer nigeriano ou congolês.

Mesmo depois das invasões gregas, os egípcios originais ainda abundavam. Segundo o investigador J.R. Rogers, Herodotos, o grande historiador grego, 484-425 antes de Cristo, revelou nos seus escritos em Historias que os egípcios tinham pele muito negra e cabelo de lã, uma descrição que pode retratar qualquer forro, angular, principiasse ou familiar deste, ou qualquer mandinga. Só o cabelo de lã elimina todas as dúvidas porque unicamente os negros ou descendentes destes tem cabelo de lã.

Ademais, sabemos que os egípcios se autodenominavam khem e o reino se chamava Khemit, palavras que segundo os egiptólogos aludem a cor preta. Dizem certas enciclopédias actuais que o nome preto aludia a cor da terra nas margens do rio Nilo naqueles tempos, mas tendo a crer mais no que relata Herodotos, pois quanto se escreveu as referidas enciclopédias, já o colonialismo informativo estava instaurado, já o racismo estava em existência. O racismo teve início com a instauração da escravatura negreira, o que começou com a queda de Granada.

Herodotos nunca conheceu racismo, pois no seu tempo, se bem que existia escravatura, não havia escravos em base da cor da pele. Não se discriminava então em termos de cor, se bem se que se fazia descrições físicas e nessas descrições se incluía a cor da pele. Havia negros com escravos brancos e negros, e brancos com escravos negros e brancos. Foi naqueles tempos sem racismo que visitou Herodotos as terras de Egipto e escreveu os seus relatos, e foi ele, por certo um branco, que disse que os egípcios eram negros. Nele creio.

As obras escritas depois da tomada de Granada, quer dizer durante a Renascença, quando comparadas com as da antiguidade, não podem de maneira nenhuma ser autoridades ao respeito. Não confio nelas, se não se fundamentam nos livros clássicos, pois estariam manchadas com posturas racistas contra tudo o que é africano ou negro.

Algumas verdades atras das mentiras

Qualquer mente colonizada se assustaria ao tomar conhecimento do que tive, por exemplo, a oportunidade de ouvir de um reputado pastor ocidental quando lia uma obra recente por um escritor também ocidental. Na leitura se revelou que há um grupo étnico em África que sem nunca ter usado o telescópio, fala de estrelas conhecidas pela ciência moderna e de outras ainda desconhecidas, uma das quais descobertas pela NASA só há três ou quatro anos! Tem como seus deuses algumas desses estrelas. Tenho a impressão que estariam relacionados com as gentes de um dos nossos impérios sudanicos de Ghana, Mali, e Shongai, os quais possivelmente provieram do Egipto, pois sabemos que muitos egípcios se retiraram ao sul e oeste do continente aquando das invasões.

Outra verdade é que estamos entre os primeiros na historia a extrair e produzir ferro e outros metais, facto que ocorreu no duradouro império de Monomotapa muito ao interior da África austral já há milénios antes de Cristo quando quase todo o resto do mundo aparentemente ainda usava pedra como ferramenta. Ainda hoje se vê a produção caseira de ferro no interior do continente por grupos que suponho seriam descendentes das gentes de Monomotapa. Este império se formou, diz-se, antes da unificação do Egipto, depois coexistiu com Egipto, e durou até a chegada do exploradores lusos, época em que já estava em total declínio. Monomotapa, segundo os relatos, foi o império africano que se desenvolveu com mínima influencia externa, apesar de manter intercâmbios comerciais com povos asiáticos. Diz-se que a classe nobre de Monomotapa se marcava com o uso seda em todo seu vestir.

Além de sermos os primeiros a conhecer metais e a trabalhá-los, realizámos inovações sem conta. Nas telecomunicações, inventamos a transmissão de códigos com o uso do tambor, e também inventamos o tambor falante. O pai da medicina não foi Hipócratas, já que este aprendeu medicina em África com Imhotep, o primeiro génio multifacético entre os homens. De facto, os filósofos e mestres gregos aprenderam connosco nos nossos centros de mistério e templos, e eles não negam esta verdade. Aristóteles, chegou a reconhecer que o que ensinava teve as suas origens em Egipto. A medicina natural hoje tão apreciada, foi descoberta e desenvolvida em África. Os primeiros dentistas apareceram em África, que eu saiba no Império de Ghana, onde utilizávamos ouro para tratar as caries.

O império de Ghana teria seu inicio com vários reinos que se formaram no interior ocidental e na costa do Senegal uns 500 anos antes de Cristo. No ano 700 da nossa era esses reinos se uniram, formando o grande Império de Ghana, a superpotência mundial de então. A influencia de Ghana teve grande repercussão pela parte ocidental e setentrional do continente. Essa influencia junto com ideias para a expansão da fé muçulmana, levou outros africanos da referida zona a seguir os planos de Damasco para uma invasão a Península Ibérica, o que ocorreu onze anos depois da unificação do Império de Ghana. Depois apareceram os Impérios de Mali e de Shongai na mesma zona ocidental. Essa zona e Hispania Moura eram as grandes potências naqueles tempos sendo, já no ano 1000 da

nossa era, as quatro grandes potências mundiais.

As artes marciais, segundo alguns autores, originaram em África e foram levadas ao exterior. Creio que isto explica porque temos bligá san domingo entre os forros de São Tomé. Sim, forros de São Tomé, porque os Príncipeenses também são forros, pois receberam também a carta de alforria, mas isto teria que ser discutido em outra ocasião.

Também fomos os primeiros a desenvolver as ciências agrícolas e os que levaram agricultura, ciências e artes a Europa com africanos que abundavam pela Europa na época dos Romanos e com os nossos muçulmanos da região norte e ocidental.

Os africanos foram os primeiros a desenvolver o conceito de monoteísmo, o que ocorreu em Aksum ou Abissínia, hoje Etiópia. Talvez por isso o Império Aksum foi o primeiro estado a adoptar cristianismo como a religião oficial.

Também na mesma região, mais conhecida como reino de Abissínia ou Etiópia, se inventou a escritura em base a fonética das palavras e não com símbolos que representam objectos e conceitos.

Nesse alfabeto cada letra corresponde a uma sílaba, mas é a forma escrita mais aproximada ao sistema que se usa nas línguas ocidentais, se bem que as letras não são parecidas. Tive um estudante de Etiópia em 1985 que me introduziu a esse sistema, o qual ele usava para escrever em Amheric, a língua oficial de Etiópia.

Fomos os primeiros a introduzir eleições ou sistema de votação, aprendido depois pelos europeus. Quer dizer, a democracia representativa teve o seu início em África, e não em França. Ainda hoje há nações nunca influenciadas pelos colonizadores que usam eleição para escolher os seus dirigentes entre vários candidatos dentro das famílias reais, sendo estes os únicos que se podem candidatar.

Senhores, para que estejam seguros, devo dizer que mesmo antes da chegada dos europeus tínhamos nações cujos reis ou chefes eram postos e depostos segundo referendos. Elas ainda existem e podem ser achadas entre as nações autónomas dentro de algumas repúblicas, como nos Camarões, e creio que também em Nigéria.

Para clarificar o termo nação, faço um desvio para dizer que para mim as diferentes repúblicas actuais são países, mas não são bem nações. Entendo, por exemplo, que os yofes e os mandingas são nações distribuídas em países como Ghana, Senegal, Gâmbia e Guiné, países que foram artificialmente criados quando os colonizadores dividiram e repartiram África entre eles. Isto ocorre em todo o continente, e enquadrado na tática imperialista de dividir para reinar. Como as nossas mentes estão ainda colonizadas, nada se tem feito ao respeito. África tem problemas para resolver nesta área, e deste assunto possivelmente falarei em comentários futuros.

O talento africano não se limita ao desporto e a diversão

Não podemos olvidar a contribuição directa dos africanos as sociedades europeias e americanas em todas as áreas. Foi uma contribuição que começou nos tempos dos romanos, e que tem continuado até agora, com homens de talento cujas origens africanas o colonialismo de informação nos oculta.

Ha uma censura tácita quando a revelações da nossa grandeza fora do desporto ou diversão.

Poucos sabem que no reino de Carlos I de Portugal, o medico pessoal deste foi um africano, Dr. C. Tavares. Creio que se trata do santomense cujo busto talvez ainda se vê ao lado da fonte luminosa da capital. Gostaria que alguém me confirmasse o apelido. Seria o primeiro nome Carlos? Se é ele, creio que o busto deve estar numa praça e não numa esquina quase invisível. Ele teria que ser o melhor médico em Portugal daquela época para ser médico pessoal de D. Carlos.

Quase ninguém sabe que Alexandre Dumas, o escritor de Os Três Mosqueteiros, era um africano de Haiti. Poucos sabem que Dr. Daniel Williams, o primeiro cirurgião a operar exitosamente um coração foi um africano dos Estados Unidos. Benjamim Banneker, outro homem de descendência africana, foi o primeiro construtor de um relógio. A maquina para a produção massiva de sapatos foi inventada por Jan Ernest Matzelliger, um mestiço do pais hoje conhecido como Suriname.

A ideia da lâmpada eléctrica foi de Thomas Edison, mas a lâmpada de Edison durava acesa uns escassos minutos. Foi um africano de nome Lewis Latimer que inventou o filamento para ser adicionado a lâmpada de Edison. Mas o colonialismo de informação louva Edison e oculta Latimer, quando na realidade foi Latimer quem inventou o tipo de lâmpada que tem aplicação pratica, a lâmpada que ainda hoje usamos.

Muitas outras inovações e invenções protagonizadas pelo génio africano tem sido ocultadas como realizações africanas e passadas como de autoria branca.

Mas não temos que ir muito longe para poder apreciar o génio africano. Meu primo Mé Chinhô, podia competir com qualquer especialista quiropráctico e de fractura de ossos. Muitos pacientes eram enviados do Hospital Central a casa do primo Mé Chinhô em Santo Amaro. Mé Chinhô estudou os ossos em sua casa por anos através de experiências conduzidas com esqueleto de galinha. Qual santomense nunca ouviu falar do já legendário Mé Chinhô?

Os mouros

Não é só nas épocas recentes que se vê africanos mostrando talento fora do continente. Antes haviam mais, especialmente com a chegada, expansão e domínio Hispania Moura, Andaluzia, ou, para ser mais exacto, Al-Andalus. Só a cidade de Cordoba tinha um milhão de africanos. O colonialismo de informação nos enganou ou nos criou confusão também na questão desses africanos, então conhecidos como mouros.

Fomos levados a pensar que os mouros eram árabes, um termo que também tem criado confusão. Na realidade os mouros eram quase todos negros do norte de África e da costa ocidental africana. Entre eles estavam os chamados berberes, um termo que serve de manta para cobrir todos os africanos da região sahariana, e que inclui os mestiços resultantes dos numerosos contactos com povos Jafesitas. Estes berberes são actualmente em maioria tipos mulatos.

Quase todos os argelinos e marroquenses são berberes mestiços, mas isto nem sempre foi assim. Havia maior preponderância com berberes negros, como os chamados tuaregues e haretins. Outros grupos negros que existiam em todas partes do continente tem estado migrando ao sul, buscando terras férteis, enquanto os negros tuaregues e haretins, junto com os berberes mestiços continuam na maioria no deserto, já que não praticam agricultura.

Quase todos seguem a fé muçulmana e os que vivem nas zonas urbanas falam árabe, daí a confusão em chama-los árabes. Pior ainda, os das cidades hoje em dia se autodenominam árabes. A verdade é que não são árabes, da mesma maneira como um iraniano não é árabe, pois não são descendentes de Abraão. Os berberes, tanto negros como mulatos, falam línguas distintas de acordo aos seus diferentes grupos, mas muitos falam ou entendem árabe.

Para compreender-se melhor, o mesmo tipo de confusão existe, por exemplo, entre os povos da América que falam espanhol. São católicos, falam a língua castelhana, mas a maioria pertence a diáspora africana, ou descende dos ameríndios. Contudo, tendem a identificar-se com Espanha, e todos se autodenominam Hispanos ou Latinos. Tudo em base da língua.

A propósito, mesmo os árabes tem vínculos africanos, pois descenderam de Ismael, o filho ilegítimo de Abraão, com a criada Hagar, uma egípcia. Mas devemos ser claros e falar dos factos como ocorreram, segundo as fontes confiáveis.

A palavra mouro, como dizia, não tem nada que ver com árabe. Através da historia, os africanos foram conhecidos por diferentes nomes provenientes de diferentes idiomas, nomes que frequentemente aludiam a pele queimada ou muito escura. Fomos chamados etíopes, que significava caras queimadas, e sudaneses que na língua árabe significava preto. Os gregos usavam o adjectivo mauros para significar preto. Quando os romanos chegaram a costa ocidental da África em 46 depois

de Cristo deram o nome de maures, um derivado de mauros, aos residentes locais. Com o tempo, já nas línguas românicas, a palavra passou a ser mouro. Ou seja, mouro significa mauro, e mauro significa preto ou negro.

O nome do continente tem estado quase sempre vinculado a essas designações. Vastas regiões do continente, as conhecidas, eram chamadas terras de Etiópia, e a zona onde mais se ouvia o árabe e se praticava maometismo se chamava Mauritânia, ou terra dos mauros ou negros.

Foram esses mauros ou mouros que invadiram a Península Ibérica em 711 depois de Cristo, com um exercito de 7,000 negros e 300 mestiços, sob comando de um negro do norte chamado Tarik, o qual foi empregado pelos árabes. O exercito de Tarik entrou duro e aniquilou ou cristãos visigodos. Os poucos sobreviventes se retiraram aos montes do norte de península, principalmente os Montes da Astúrias.

Ora bem, os árabes foram os que maquinaram a invasão, com objectivos religiosos. Os executores, porém, foram os africanos. É também verdade que depois da invasão os árabes chegaram, quanto já a conquista estava terminada. Esses árabes tentaram ocupar as terras mais férteis da península, e rapidamente os africanos foram de novo as armas. Tomaram controlo dos territórios. Tiveram somente que pagar tributos ao rei árabe da corte de Damasco. No ano 756, o território, Al-Andulus se proclamou um estado independente. Os africanos de Al-Andulus tinha em comum com os árabes somente a língua e a religião, tal como passa hoje com os nossos países de fala lusa em relação aos portugueses.

Creio que sabemos todos a historia dos mouros e da sua contribuição na Península Ibérica. Só que não nos disseram que eram africanos.

A presença moura em Portugal e Espanha é indiscutível. Dizem os observadores que os ravelos de Cascais e do rio Douro se parecem muito com os barcos de transporte de Lagos, em Nigéria. Muitos portugueses ainda tem feições africanas bem detectáveis. Noutros a marca já não é tão notável. Quem não conheceu, por exemplo, Dona Cândida do Espírito Santo, a encarregada da secretaria do liceu? Há negros americanos que parecem mais europeus que muitos portugueses. Segundo o Doutor Ivan Van Sertima, mesmo a casa de Bragança era mulata. O investigador J.A. Rogers nos indica que o rei de Portugal João VI, era um mulato escuro. Isto revela que a maioria das famílias reais europeias têm sangue mouro ou negro, já que todas essas famílias se casavam entre si. Foi tão forte a presença africana na Península Ibérica que Napoleão chegou a declarar que África começava nos Perineus!

Os hebreus

Foi também forte a presença hebreia. Séculos antes dos mouros, haviam chegado os hebreus. Estes, contrario ao que se pensa, tem também origem africana! A nação hebraica se desenvolveu em Egipto a partir dos 12 filhos de Jacob e seus familiares, um total de 70 homens. Eles deixaram África somente 430 anos mais tarde, com um total de 600,000 homens, sob a direcção de Moisés. Houve certamente ligas e misturas.

Pode-se verificar que Jesus Cristo e Maria são representados nas imagens e retratos mais antigos, em plena Europa, com pele negra. Segundo relatos orais, foi Lucas o artista original de muitas destas imagens, inclusivamente uma de Pedro, também representado negro. Uma lista das igrejas e lugares exactos onde podem ser encontradas está num website que apresento no fim desta discussão. Os leitores africanos que estão em Europa devem aproveitar a oportunidade de visitar algumas dessas igrejas. Dizem que algumas se encontram escondidas, mas essas, a pedido, também podem ser vistas.

Vínculos santomenses e considerações educativas

Se os hebreus, que sem duvida eram negros e com muita bagagem africana, imigraram a Península Ibérica e se misturaram com os ibero-romanos já misturados com povos anteriores, se depois chegaram os mauros e se misturaram com os presentes, se alguns judeus já misturados com os demais foram levados a São Tome e Príncipe, e se nestas ilhas misturam com mulheres vindas directamente do continente africano, podemos estar seguros que um santomense em todos os ângulos, sem mencionar aspectos geográficos, é todo ele um sudanês, um mauro, um mouro, um etíope, um africano. É um africano seja com óculos genealógicos, portugueses, espanhóis, judeus, mestiços, crioulos, históricos, religiosos, culturais, ou até mais obviamente, com óculos anatómicos.

Apelo aos dirigentes santomenses a tomar medidas imediatas em direcção ao ensino da Historia Africana, que é realmente a historia santomense. Não se pode educar um estudante sem equipar-lhe com a informação de quem ele é. O colonialismo fez um excelente trabalho em ocultar-nos a nossa historia e identidade, mas agora nós mesmos estamos perpetuando a situação. O conhecimento da historia nos trará orgulho em ser quem somos, pois saberemos que pertencemos ao continente onde nasceu a civilização.

Sei que podemos repetir essa maravilhosa experiência, pois se chegamos a ser grandes no passado, podemos de novo ser grandes. Mas ha que estudar a historia para sabermos quem somos, onde falhámos e onde nos encaminhamos. África vive em pobreza apesar de ser o continente mais rico do mundo. Isto porque deixamos os recursos, tanto naturais como humanos, nas mãos alheias. Não somes inferiores a ninguém neste globo e daremos conta disso quando estudamos a nossa historia.

Se não a estudamos, porém, as nossas mentes continuarão colonizadas, o que resultaria em actuarmos como seres inferiores, esperando que outros nos tenham pena e resolvam nossos problemas. Então seríamos tratados como seres inferiores. Deste ciclo não saímos se não

conhecemos as nossas próprias forças e potencialidades, ocultas nos registros da história. Nos ensinou o salvador dos homens, o senhor Jesus Cristo, que conhecendo a verdade, ela nos libertará.

Julgo que é um crime não dar o pão do conhecimento ao povo africano sobre a sua própria história.

Para nós, é uma necessidade vital ter conhecimento dessa gloriosa história. E, com esse conhecimento, não queremos ser outra coisa senão um Africano.

GERVASIO DAS NEVES

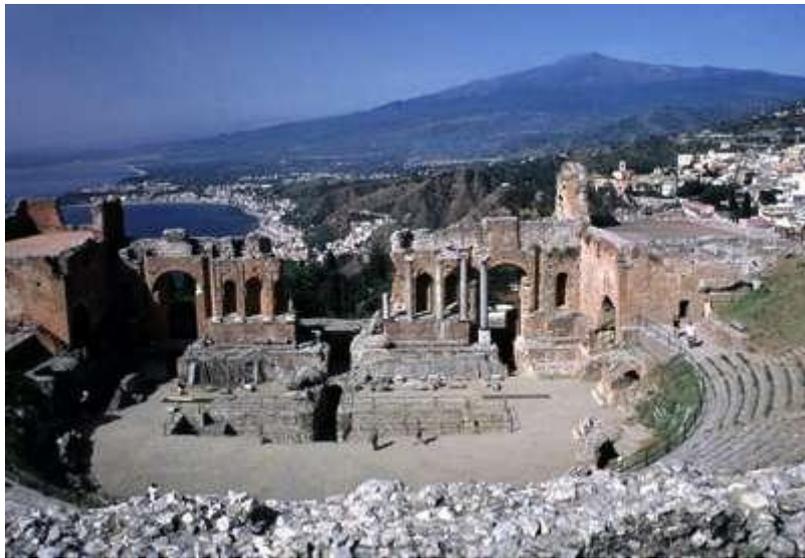
BIBLIOGRAFIA:

- O Livro de Genesis, Moises
O Livro de Exodo, Moises
As Cidades Perdidas da Africa, Basil Davidson
Nouvelles Reserches sur l’Egyptien Ancien et les Langue Negro-africaines Modernes, 1988, Cheikh
Anta Diop
100 Amazing Facts about the Negro, J.A. Rogers
Ancient Egypt, The Light of the World, 1907, Gerald Massey
Politics, Intercourse, and the Trade of the Carthagenians, Ethiopians, and Egyptians, 1833, A.H.L.
Heeren
Ruins of Empires, 1787, Count Volney
Introduction to African Civilization, 1970, John G. Jackson
Black Man of the Nile, 1972, Yosef ben-Jochannan
The Destruction of Black Civilization: Great Issues of Race from 4500 BC to 2000 AD, 1971, Chancellor
Williams
African Origin of Western Civilization, 1990, Yosef ben-Jochannan
The cultural Unity of Negro Africa, 1959, Cheikh Anta Diop
Anteriorité des Civilization Negres, Cheikh Anta Diop
They Came Before Columbus, Ivan Van Sertima

Introdução a Os antigos gregos copiaram as ideias dos africanos?

Muitas das séries que você assiste na TV têm suas raízes na comédia grega clássica. Os algoritmos que abastecem a a infra-estrutura da Internet que você utiliza são baseados na matemática grega. Os médicos que salvam vidas todos os dias, primeiro fazem um juramento baseado em um tratado escrito pelo físico grego Hipócrates. Até o método científico se origina da antiga Grécia.

Nós, do mundo moderno, devemos muito aos avanços dos gregos clássicos, não resta dúvida. Mas, você já pensou de onde os gregos tiraram suas ideias?



Piotr Malecki/Getty Images

Muito das raízes da nossa civilização moderna vem dos gregos clássicos. Nossas séries de TV, por exemplo, têm suas bases nas comédias gregas. Mas, a nossa linhagem moderna vem somente dos gregos?

De 1900 a 1100 a.C., uma grande civilização reinou sobre o que hoje é a Grécia. Os miceneus criaram trabalhos artísticos, estabilizaram o comércio com outras nações e viveram em grandes cidades. E então, repentina e misteriosamente, a cultura dos miceneus entrou em colapso. A Grécia caiu em desgraça.

Tribos nômades vieram do norte para onde antes havia uma civilização urbana agitada. O comércio cessou e a Grécia se fechou. Durante 500 anos, a Grécia permaneceu em silêncio, no que os historiadores hoje chamam de **A Era Negra da Grécia**. E então, quase que do dia para a noite em termos históricos, uma nova aurora se espalhou sobre a Grécia: Homero criou seus poemas épicos, "A Ilíada" (em inglês) e "A Odisséia", enfatizando a honra e a virtude dos novos homens; o comércio se restabeleceu e cidades-estado antes separadas se uniram em uma república democrática. A Grécia clássica havia nascido.

De onde surgiu essa ascendência meteórica para a proeminência? Os estudiosos atribuem muito do desenvolvimento da Grécia a sua internalização. Durante 500 anos, ela se permitiu desenvolver de novo em paz, sem nenhuma ameaça exterior. Mas a mais grandiosa das conquistas dos gregos não seria possível se não fosse por uma civilização vizinha, a qual havia se estabilizado milênios antes do surgimento dos miceneus. A cultura chamada de **Kemita**. Você a conhece como Egito.

A civilização que construiu a Esfinge, ergueu as pirâmides e construiu a primeira biblioteca do mundo, também deu origem ao primeiro físico do mundo, inventou a geometria e a astronomia, e estava entre as primeiras civilizações a explorar a natureza de nossa existência. Os egípcios passaram seus conhecimentos aos gregos. As pessoas modernas acabaram se beneficiando muito disso.

Os antigos gregos copiaram as idéias dos africanos?

por [Joshua Clark](#) - traduzido por HowStuffWorks Brasil

O Sistema Misterioso Kemita

Já é sabido que os clássicos pensadores gregos viajaram, para o que hoje conhecemos por Egito, a fim de expandir seus conhecimentos. Quando os estudiosos gregos Tales, Hipócrates, Pitágoras, Sócrates, Platão e outros foram para Kemita, eles estudaram nas universidades-templos **Waset** e **Ipset Isut**. Lá, os gregos foram conduzidos por um vasto currículo que compreendia tanto conhecimentos teóricos quanto práticos.

Tales foi o primeiro a ir para Kemita. Ele foi apresentado ao **Sistema Misterioso Kemita**, conhecimento que formou as bases do entendimento kemita do mundo e que havia sido desenvolvido 4.500 anos antes. Após retornar, Tales criou fama ao prever com precisão um eclipse solar e ao demonstrar como medir a distância de um navio no mar. Ele estimulou outros a irem para Kemita para estudar [fonte: [Texas A&M](#) (em inglês)].



Turistas caminham na universidade-templo em Karnak, chamada de Ipet Isut pelos kemitas e renomeada pelos conquistadores persas. Foi aqui que muitos dos estudiosos gregos aprenderam sobre ciência e espiritualidade.

Em Kemita, Hipócrates, o "pai da medicina" aprendeu sobre doenças das primeiras explorações de Imhotep, que estabilizaram a medicina diagnóstica 2.500 anos antes. Esse homem do início da Renascença, astrônomo e físico, foi descrito como "a primeira figura de um físico a aparecer claramente nas brumas da antigüidade" pelo pioneiro britânico da medicina, William Osler [fonte: [Osler](#) (em inglês)]. Em Kemita, Pitágoras, o "pai da matemática" aprendeu cálculo e geometria dos padres kemitas, baseado em um papiro de um milênio.

Nada disso é para afirmar que os gregos não tinham idéias próprias. Pelo contrário, os gregos pareciam formar suas próprias interpretações do que aprenderam em Kemita. Além disso, eles nunca negaram o crédito dos kemitas por sua educação. "O Egito era o berço da matemática" escreveu Aristóteles [fonte: [Van Sertima](#) (em inglês)]. Mas alguém poderia dizer que os gregos também sentiram que estavam destinados a construir sobre o que aprenderam com os kemitas.

A educação kemita era para ter durado 40 anos, embora não se saiba de nenhum pensador grego que tenha completado todo o processo. Acredita-se que Pitágoras tenha sido o que chegou mais longe, tendo estudado em Kemita durante 23 anos [fonte: [Person-Lynn](#) (em inglês)]. Os gregos adaptaram o conhecimento adquirido à sua maneira de ver o mundo.

A educação de Platão deve ter expressado isso melhor: o Sistema Misterioso Kemita foi baseado em um vasto conjunto de conhecimento humano. Ele compreendia matemática, escrita, ciência física, religião e o sobrenatural, requerendo tutores que fossem padres e estudiosos. Talvez o aspecto do sistema que melhor represente essa fusão de religião e ciência é o Ma'at.

Ma'at (/mi 'yat/) era uma deusa que incorporava o conceito de ordem racional ao universo. "A idéia do universo ser racional passou dos egípcios aos gregos" segundo o historiador Richard Hooker [fonte: [Hooker](#) (em inglês)]. O nome grego para esse conceito era **logos**.

Em sua "República", Platão descreve uma dicotomia entre um ser superior e um inferior. O ser superior (razão) persegue o conhecimento, a razão e a disciplina. O ser inferior, o mais proeminente dos dois, é a base, o preocupado com aspectos mais brutos como o sexo, o vício e com servir a si mesmo. No fim das contas, a razão deve vencer a emoção para a vida valer a pena. E também, a ênfase da razão sobre tudo o que já havia sido criado. Nesse ponto, os conceitos de espiritualidade e razão começam a divergir.

É a sobrevivência da interpretação grega do Ma'at sobre a dos kemitas que pode explicar o motivo de as crianças em idade escolar aprenderem que os gregos inventaram as bases do mundo moderno.

História ocidental sem os kemitas

Quando aprendemos sobre os antigos kemitas na escola, conhecemos suas primeiras explorações, a [Esfinge](#), as [pirâmides](#) e o cultivo. Os kemitas e suas conquistas são remetidos ao passado mais remoto, como se sua civilização tivesse terminado muito antes do surgimento dos gregos. Mas Kemita, ou Egito, junto com civilizações como a China e a Mesopotâmia (o Iraque, a Síria e a Turquia do mundo moderno) são as culturas que mais tempo duraram em todo o mundo. Tendo se estabelecido antes de 5000 a.C., ela ainda permanece até hoje, apesar das conquistas dos persas, dos gregos e, mais recentemente, dos britânicos.

Nós conhecemos muito dessa cultura, graças aos muitos documentos que os kemitas deixaram, e à habilidade de traduzi-los usando a [Pedra de Rosetta](#), incluindo o que os grandes estudiosos gregos estudaram nos universidades-templos desse lugar. Os gregos nunca tentaram esconder onde aprenderam a matemática, a astronomia e a arquitetura. Então, por que não aprendemos na escola de hoje sobre as contribuições que os kemitas deram ao mundo moderno?



Cris Bouroncle/AFP/Getty Images

Enquanto ainda aprendemos sobre os kemitas, alguns registros recentes afirmam que a Esfinge possui 12 mil anos, ao invés de 5 mil. Sabemos que os gregos aprenderam com eles, então, por que não aprendemos isso nas escolas atualmente?

Uma explicação é que enquanto a visão dos gregos sobre o mundo fora baseada nos ensinamentos kemitas, sua dissertação sobre a razão na verdade levou ao Iluminismo, a nossa visão do mundo de hoje. Para os kemitas, o físico e o espírito eram interligados. O conceito de Ma'at era tão importante quanto a geometria. Mas, após os gregos terem formado suas interpretações, a razão acabou excluindo a espiritualidade e essa visão da existência foi superada. Platão, que estava entre os primeiros a exaltar as vantagens da razão sobre a emoção em sua República, inspirou o filósofo do século 17, Rene Descartes. As observações de Descartes sobre a razão inspiraram o método científico

moderno, que abasteceu um questionamento estritamente racional de nossa existência [fonte: [McSwine](#) (em inglês)].

Em outras palavras, já que os gregos eram aqueles que formaram nossa visão do mundo de usar a razão para investigá-lo, nós sentimos que não precisamos dar crédito aos kemitas por fornecerem aos gregos sua educação original. E como a visão do universo dos kemitas incluía uma mistura de ciência e religião, algumas pessoas de hoje podem achar essa mistura filosófica um tanto artificial e primitiva. Isso é irônico, já que os kemitas criaram a noção do pensamento racional.

Uma outra explicação para a edição da contribuição kemita à história é muito mais sinistra. Enquanto a Europa e o resto do oeste prontamente creditam a Grécia como sua fundação, esse crédito não é estendido à África. "Durante o século 19, muitos escritores europeus, limitados pelo etnocentrismo e pelo racismo, decidiram que a África negra não poderia ter nada a ver com ascensão da Europa", segundo [Gloria Dickenson](#) (em inglês), professora de Estudos Afro-americanos da Faculdade de New Jersey.

Em uma época em que a sociedade ocidental surgia do trabalho de escravos negros africanos, os europeus brancos quase nunca se colocavam na posição de creditar a seus ancestrais escravos a fundação dessa mesma sociedade.

Apesar das provas de sua sofisticação, as contribuições kemitas para a cultura mundial ainda são tidas como menores do que as feitas pelos gregos. Em uma biografia online de Tales, a viagem do estudioso grego a Kemita para estudar é mencionada, embora marginalizada. "Tales viajou ao Egito para estudar a ciência da geometria. De alguma maneira, ele deve ter refinado os métodos egípcios porque quando voltou à Mileto, Grécia, ele surpreendeu seus contemporâneos com suas habilidades matemáticas incomuns" [fonte: [The Big View](#) (em inglês)].

Como os kemitas foram todos excluídos da história, não conseguimos evitar de perguntar se houve alguma outra cultura também mantida na obscuridade. Uma outra pergunta: os kemitas, assim como os gregos, também extraíram seu conhecimento de alguma outra fonte?

Embora cientificamente mais adiantados, os árabes não desprezaram os conhecimentos advindo dos habitantes da península. Tais conhecimentos foram utilizados nas escolas e observatórios que criaram e também deram a eles a sua própria contribuição. Assim, surgiu uma cultura riquíssima e uma ciência que não só produziu obras muito importantes, como também foi aproveitada na prática.

As grandes navegações, por exemplo, devem muito a instrumentos como o quadrante e o sextante, desenvolvidos pelos muçulmanos, assim com aos mapas e às descrições feitas por eles. Mas não é só. Sob o domínio dos árabes, a agricultura na Península Ibérica foi incrementada com novas técnicas de semeadura e irrigação. Os sistemas jurídico e administrativo se tornaram mais eficazes. A química, a botânica e a farmacologia tiveram amplo desenvolvimento, assim como a filosofia e as letras. O saber se

tornou mais acessível ao povo do que em qualquer outra região da Europa. Em Al-Andalus - como os árabes chamavam a Península Ibérica - havia escolas e universidades, observatórios, hospitais e bibliotecas. Dessa forma, começou a surgir uma cultura científica baseada nas tradições árabes ou adquirida por meio desses povos.

Egito é uma palavra grega que significa "preto".

- ❑ Os egípcios da Bíblia foram negróide.
- ❑ A Bíblia diz que os dois egípcios e etíopes são descendentes de Presunto.
- ❑ Árabes invadiram o Egito no ^{século} 7 dC; Lembre-se, no Egito não foi invadida por Roma até 300 aC. A Bíblia datas 4000 aC.
- ❑ Portanto, árabes não têm qualquer ligação ao Egito Antigo mais do que os europeus têm a Antiga América.
- ❑ **Egípcio** é um [afro-asiática](#) linguagem. (AFRO, AFRO)
- ❑ A [língua nacional](#) moderna de [Egito](#) é [árabe egípcio](#), que gradualmente substituídos [copta](#). (Copta - Etiópia)
- ❑ Black egípcios acabaram por ser misturado com invasores líbios, persas, gregos, romanos, turcos, árabes e europeus ocidentais. É aí que a gente misto do moderno-dia árabes vêm. A seguir, está apoiando a apresentação de provas [Africano A Origem da Civilização](#): por: Cheikh Anta Diop

1. **Evidência de Antropologia Física**

Os crânios e esqueletos do Antigo egípcios reflectem claramente que eram negróide pessoas com características muito semelhantes às do moderno Black Nubians e outros povos do Alto Nilo e da África Oriental.

2. **Melanina dose teste**

Egyptologist Cheikh Anta Diop inventou um método para determinar o nível de melanina na pele dos seres humanos. Quando conduzida em múmias egípcias no Museu do Homem em Paris, este teste indicou estes restos eram pessoas de raça negra.

3. **OSTEOLÓGICO Evidência**

"Lepsius cânone", que distingue as proporções corporais de diferentes grupos raciais as categorias "ideal egípcio", como "short-armada e da negróide Negrito ou tipo físico."

4. **Evidência de tipos de sangue**

Diop observa que, mesmo após centenas de anos de inter-mistura com invasores estrangeiros, o tipo de sangue dos egípcios moderno é o "mesmo grupo B, como as populações da África Ocidental sobre a costa atlântica e não do Grupo A2 característica da raça branca antes de qualquer cruzamento. "

5. **Os egípcios como eles próprios viram**

"Os egípcios tinham apenas um termo para designar si = = kmt os negros (literalmente). Este é o termo mais forte existente na língua Pharaonic para indicar negritude, e é escrito em conformidade com um hieróglifo que representam um comprimento de madeira no fim e charred Não escalas de crocodilo ", singular. «Kmt 'a partir do adjetivo kmt = = preto; isso significa, portanto, estritamente negros ou,

pelo menos, os homens negros. O termo é um substantivo colectivo que assim descrito todo o povo do Egito Pharaonic como um povo negro. "

6. **Divino epítetos**

Diop demonstra que o "preto ou negro" é o epíteto divino invariavelmente utilizado para o chefe beneficente Deuses do Egito, enquanto os maus espíritos foram retratados como vermelho.

7. **Provas da Bíblia**

A Bíblia afirma "... [o] s filhos de Ham [eram] Cush e Mizraim [ou seja, Egito], ea bala que passa, e Canaã. E os filhos de Cush; Seba, e Havilah, e Sabtah, e Raamah e Sabtechah." Segundo a tradição bíblica, Ham, claro, era o pai da raça negra. "De modo geral todos tradição semita (judaica e árabe) classe Egito antigo com os países do Black."

8. **Unidade cultural do Egito com o resto da África**

Através de um estudo de circuncisão e totemism. Diop fornece os dados que indicam detalhado unidade cultural entre Egito e no resto da África.

9. **Unidade linguística com a África do Sul e do Ocidente**

Em um estudo detalhado das línguas, Diop demonstra claramente que a Antiga egípcio, copta do Egito moderno e Walaf da África Ocidental estão relacionados, com as duas últimas tenham a sua origem na antiga.

10. **Testemunho de autores clássicos gregos e romanos**

Praticamente todas as primeiras testemunhas oculares descreveram o latim como Black Magic egípcios pele com pêlo lanoso.

Após a conquista do Egito por Alexandre, sob a Ptolemies, cruzamento entre brancos e negros egípcios gregos floresceu. "Nowhere Dionísio foi mais favorecida, em parte alguma que ele era mais adorados adoringly e mais elaborada do que pela Ptolemies, que reconheceu seu culto como um especialmente eficaz meios de promover a assimilação dos gregos e conquistar a sua fusão com os nativos egípcios. " (Nota n º 15: JJ Bachofen, *Pages choisies par Adrien ral* ", Du Reino de la mera au patriarcat." Paris: F. Alcan, 1938, p. 89.)

Estes factos provam que, se o povo egípcio havia sido originalmente branca, ela poderia muito bem ter permanecido assim. Heródoto encontrado Se ele continuar negra depois de tanta cruzamento, deve ter sido básico preto no início.

Antes de examinar as contradições que circulam na era moderna e resultantes das tentativas de provar a qualquer preço que os egípcios eram brancos, deixemo-nos de comentários observar o **conde de Volney Constantin (1757-1820). Após estar impregnada com todos os preconceitos que temos apenas mencionado no que diz respeito ao Negro, Volney tinha ido ao Egito entre 1783 e 1785, ele relatou a raça egípcia** é a própria raça que tinha produzido os Faraós: os coptas (p. 27).

"Todos têm um rosto inchado, inchado até os olhos, nariz plana, e lábios grossos, em uma palavra, a verdadeira face do mulato. Eu estava tentado a atribuir o facto de o clima, mas **quando eu visitei a Esfinge, a sua aparência me deu a chave do enigma. Ao ver que a cabeça, tipicamente Negro, em todas as suas características, me lembrei do notável passagem onde Heródoto diz: "Quanto a mim, eu o juiz Colchians de ser uma colônia dos egípcios, porque, como eles, eles são pretos**

com cabelo lanoso.. .. "Podemos ver como seu sangue, misturado ao longo de vários séculos com a dos gregos e romanos, deve ter perdido a intensidade de sua cor original, mantendo no entanto a logomarca do seu original mofo. Nós podemos até mesmo estado como um princípio geral de que o cara é uma espécie de monumento capaz de, em muitos casos, para atestar ou lançar luz sobre evidências históricas sobre as origens da humanidade. Fim de citação) (

Quando Egito foi invadido pelos árabes - Egito sofreu momentos turbulentos quando, em 609 dC, o país tinha lados com Nicetas, um tenente da Heraclius, na rebelião contra o imperador Focas. Só pouco depois Heraclius derrubou Focas, os bizantinos foram atacados pelos persas. Sasanid Os exércitos do Rei Khosrau II invadiu Egito, a infligir sofrimento a seu cruel de alguns dos seus habitantes. Este persa ocupação durou seis anos.

Africano Antigüidade

No começo ...

Narmer (Menés) ^A 1^a do Faraó Egito

(Fig 5 - Cheikh Anta Diop, A Origem da Civilização Africano, 1974)



King Aha-Mena-Narmer é conhecido por milhões de pessoas pelo grego-distorcida "versão" do seu nome: Rei Menés. Aviso do Africano características de sua elevada gaja ossos, planas nariz e lábios grossos. O Kufi / coroa sobre sua cabeça é um sinal de autoridade real.

Aha-Mena-rei Narmer King é o fundador da primeira dinastia egípcia antiga. Ele também se tornou o primeiro Imperador do Kemet por unificador Superior e Inferior Egito imperial em uma federação, ao longo do Vale do Nilo. Desde o seu centro-oriental Kilimanjaro Montanhas fontes para o Mar Mediterrâneo Delta, o Egípcio Antigo Império deu à luz a primeira civilização do mundo.

Desde então, a herança imperial tem sido exercida, desde a dinastia e dinastia de geração em geração. Extenso território não é nada de novo para reis e imperadores Africano: é simplesmente uma questão de interesse histórico, cultural e imperial continuidade.

Africano da história e da cultura encontram as suas raízes de volta para que pharaonic período, a melhor fonte de Africano humanas. Da mesma forma os europeus / mundo ocidental traços da história e da cultura de volta à Grécia e Roma. Africano ciências humanas, finalmente conciliada com os seus antigos egípcios fontes, podemos reconstituir toda a história da Nação, passo a passo.

Sobre esta cronologia imemoriais, a opressão sofrida pelos períodos colonial e African people pode ser considerado como pouco parêntese. Porém, o terrível impacto da educação colonial vinculada mis-condicionado e cultural afeta muitas pessoas, negros e

brancos parecidos. Consequentemente, as vítimas inocentes de "estudo" que perderam suas memórias históricas, agora parece difícil de acreditar que, na verdade negros desempenharam papel civilizatório o mais rapidamente no mundo. Enganosa de que a educação tem prejudicado a mente, a auto-estima e o comportamento de muitas pessoas em toda a raça linhas:

"A história da humanidade continuará a ser confundida, enquanto que nós não fazemos distinção entre os dois primeiros berços em que a natureza moldou instintos, temperamento, hábitos e concepções éticas das duas subdivisões antes de eles se encontrarem-se mutuamente após uma longa separação, que remonta à pré-história ..."
"Cheikh Anta Diop

Dr. Cheikh Anta Diop, em seu "L'Africaine ANTIQUITE Par L'Image" (Notas africanas Especial n.º 145) chamou a duas conclusões importantes:

1. Humanidade, nascido na latitude do Africano dos Grandes Lagos, perto do Equador é por necessidade pigmentados (preto) e Africano. Isto é corroborado pelo Gloger que afirma que a Lei do sangue quente são seres pigmentada em climas quentes e úmidos".
2. Todas as corridas são emitidos a partir do Africano corrida pela direta e relacionamentos, os outros continentes foram povoado da África, o Homo erectus fase, assim como o Homo sapiens fase, que apareceram cerca de 150.000 anos atrás.

Ficou finalmente provado que, por um período de tempo, começando 5 milhões de anos atrás, até ao degelo glacial (10000 anos atrás), África quase unilateralmente povoado e influenciou o resto do mundo.

Dr. Leakey, um dos mais reputados do mundo paleo-antropólogo, em seu trabalho sério "O progresso ea evolução do homem em África", recorda-nos que: "Os críticos da África esquecer que os homens da ciência são hoje satisfeitos que a África foi o berço do próprio homem". Os seres humanos são da África do primeiro contributo para a humanidade.

Investigação avançada e de vários estudos na pré-história e paleo-antropologia, confirmaram as semelhanças entre o original fundadores da civilização pharaonic (antiga Nubians, etíopes e egípcios), e os modernos africanos.

Rawlinson conclui em "origens de Nações", que: "Os autores do Gênesis une juntos como membros da mesma família étnica os egípcios, os etíopes, os árabes do sul, e os primitivos habitantes da Babilônia".

De acordo com muitos testemunhos antigos, os habitantes do Sudão, Egito, Arábia, Palestina, Ásia Ocidental e da Índia eram etíopes, portanto africanos. Voltar naquela época, havia duas terras denominada Etiópia. Sir Godfrey Higgins (Anacalypsis, vol.1) declarou: "Uma sobre o leste do Mar Vermelho, ea outra sobre o oeste da mesma, e uma grande nação dos negros, da Índia, fez regra durante quase toda Ásia, em um muito remota era, de facto, além do alcance da história de qualquer um de nossos registros".

Heródoto, que foi iniciado no interior da Antiga mistérios sistema egípcio declarou que: "A voz do uniforme primitiva Antiguidade falou da Etiópia como uma única raça, da habitação, ao longo das costas do sul do oceano, da Índia para os pilares de Hércules". (Heródoto, vol.1 livro I)

Grécia: uma média de estudante Egito Antigo

Dr. Theophile Obenga, nesta magistral livro "História Africano Filosofia no Mundo" (Obenga, 1998), com sucesso os desafios e neutraliza o Hegelian filosofia da história, continuando as pisadas do Dr. Cheikh Anta Diop, o seu mentor. Hegel alienados os caucasianos com a mente por ignorância afirmando que "África não tem história". Enganosa de que a educação dos brancos levaram a arrogância com um sistema de crença infundada superioridade racial.

As sete artes liberais e ciências, que são gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, astronomia e música, vem da África. Portanto, para os antigos egípcios, e nem para os gregos, nem para os romanos, que estão endividados para o actual corpo de conhecimento humano. Grécia e de Roma foram, em média estudantes Egito Antigo. Considerados estrangeiros e pueril, grego estudantes não foram capazes de aceder a uma abertura completa e indução no Antigo Egito Mistério do Sistema.

Aristóteles de Stagira, Tales de Mileto, Pitágoras de Samos, Diodorus da Sicília, Estrabão Platão e foram todos iniciados no Antigo Egito, desde a mais tenra idade até a vida adulta. Seu testemunho ocular contas reflectem o facto de terem sido ensinadas e dark pelados instruídos por professores nascidos e criados na África. Ganância, prestígio e reputação, a maioria deles feitos ingrato, quando eles alegaram todas as teorias e teoremas, axiomas e fórmulas que aprenderam no Egito antigo para si próprios. A maioria dos estudantes do grego e romano África cometeu plágio ao assinarem os seus nomes nos respectivos professores Africano escritos, invenções, criações e produções.

Assim, temos agora: "Teorema de Pitágoras", "Thales'Axiom" entre muitos ilegais dotações do Africano ciências da geometria, matemática, arquitetura, retórica e filosofia. Essas ciências operatório foram inventados e implementados no coração da África, milhares de anos antes dos Gregos e Romanos surgiu como uma raça diferente!

Essa saga continua hoje com a renomeação do Africano Papiro científicas, tais como o "Rhind Papiro" ea "Papiro Moscou matemática". Aqueles Papiro e os seus conteúdos científicos foram produzidos e elaborados milhares de anos antes da Rhind pessoas nasceram. Europa Oriental ainda estava sob o gelo-idade com pessoas bárbaras. Moscou, nem nenhum dos seus fundadores, estavam ainda em existência na altura.

Desde que a humanidade originou primeira em África, era necessariamente preto branco antes de se tornar através de mutação e adaptação, no final da última idade de gelo na Europa. Estudiosos a antiga ea moderna ter finalmente chegado à conclusão de que, o African people primeira civilização criou o mundo. Nossos ancestrais governar o mundo a partir de seus lugares de poder, enthroned a partir do vale do Granges, o Tigre eo Eufrates, para o Nilo e o Níger Rivers.

África de todos nós

A cultura africana agora faz parte do currículo. Nesta reportagem, você vai descobrir a riqueza das ciências, da tecnologia e da história dos povos desse continente e encontrar sugestões de atividades para todas as disciplinas

Os diversos povos que habitavam o continente africano, muito antes da colonização feita pelos europeus, eram **bambambãs** em várias áreas: eles dominavam técnicas de agricultura, mineração, ourivesaria e metalurgia; usavam sistemas matemáticos elaboradíssimos para não **bagunçar** a contabilidade do comércio de mercadorias; e tinham conhecimentos de astronomia e de medicina que serviram de base para a ciência moderna. A biblioteca de Tumbuctu, em Mali, reunia mais de 20 mil livros, que ainda hoje deixariam **encabulados** muitos pesquisadores de **beca** que se dedicam aos estudos da cultura negra.

Infelizmente, a imagem que se tem da África e de seus descendentes não é relacionada com produção intelectual nem com tecnologia. Ela **descamba** para **moleques** famintos e famílias miseráveis, povos doentes e em guerra ou paisagens de **safáris** e mulheres de **cangas** coloridas. "Essas idéias distorcidas desqualificam a cultura negra e acentuam o preconceito, do qual 45% de nossa população é vítima", afirma Glória Moura, coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade de Brasília (UnB).

Negros são parte da nossa identidade

O pouco caso com a cultura africana se reflete na sala de aula. O segundo maior continente do planeta aparece em livros didáticos somente quando o tema é escravidão, deixando **capenga** a noção de diversidade de nosso povo e minimizando a importância dos afro-descendentes. Por isso, em 2003, entrou em vigor a Lei no 10.639, que tenta corrigir essa dívida, incluindo o ensino de história e cultura africanas e afro-brasileiras nas escolas. "Uma norma não muda a realidade de imediato, mas pode ser um impulso para introduzir em sala de aula um conteúdo rico em conhecimento e em valores", diz Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, membro do Conselho Nacional da Educação e redatora do parecer que acrescentou o tema à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A cultura africana oferece elementos relacionados a todas as áreas do conhecimento. Para Iolanda de Oliveira, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, se a escola não inclui esses conteúdos no planejamento, cada professor pode colocar um pouco de África em seu plano de ensino: "Não podemos esperar mais para virar essa página na nossa história", enfatiza. Antes de saber como usar elementos da cultura

africana em cada disciplina, vamos analisar alguns aspectos da história do continente e os motivos que levaram essas culturas a serem excluídas da sala de aula.

O ensino de História sempre privilegiou as civilizações que viveram em torno do Mar Mediterrâneo. O Egito estava entre elas, mas raramente é relacionado à África, tanto que, junto com outros países do norte do continente, pertence à chamada África Branca, termo que despreza os povos negros que ali viveram antes das invasões dos persas, gregos e romanos.

A pesquisadora Cileine de Lourenço, professora da Bryant University, de Rhoad Island, nos Estados Unidos, atribui ao pensamento dos colonizadores boa parte da origem do preconceito: "Eles precisavam justificar o tráfico das pessoas e a escravidão nas colônias e para isso 'animalizaram' os negros". Ela conta que, no século 16, alguns zoológicos europeus exibiam negros e indígenas em jaulas, colocando na mesma **baia** indivíduos de grupos inimigos, para que brigassem diante do público. Além disso, a Igreja na época considerava civilizado somente quem era cristão.

Uma das balelas sobre a escravidão é a idéia de que o processo teria sido fácil pela condição de escravos em que muitos africanos viviam em seus reinos. Essa é uma invenção que não passa de **bode** expiatório: a servidão lá acontecia após conquistas internas ou por dívidas — como em outras civilizações. Mas as pessoas não eram afastadas de sua terra ou da família nem perdiam a identidade. Muitas vezes os escravos passavam a fazer parte da família do senhor ou retomavam a liberdade quando a obrigação era quitada com trabalho. Outra mentira é que seriam povos acomodados: os negros escravizados que para cá vieram revoltaram-se contra a **chibata**, não aceitavam as regras do trabalho nas plantações, fugiam e organizavam **quilombos**.

A exploração atrapalhou o desenvolvimento

A dominação dos negros pelos europeus se deu basicamente porque a pólvora não era conhecida por aquelas **bandas** — e porque os africanos recebiam bem os estrangeiros, tanto que eles nem precisavam armar **tocaia**: as famílias africanas costumavam ter em casa um quarto para receber os viajantes e com isso muitas vezes davam abrigo ao inimigo. Durante mais de 300 anos foram **acaçambados** cerca de 100 milhões de mulheres e homens jovens, retirando do continente boa parte da força de trabalho e rompendo com séculos de cultura e de civilização.

Nesta reportagem, deixamos de lado de propósito a **capoeira**, embalada pelo **berimbau**; a culinária, enriquecida com o **vatapá**, o **caruru** e outros **quitutes**; as influências musicais do **batuque** e a **ginga** do **samba** e dos instrumentos como **cuícas**, **atabaques** e **agogôs**.

Preferimos mostrar conteúdos ligados às ciências sociais e naturais, à Matemática, à Língua Portuguesa e Estrangeira e a Artes, menos comuns em sala de aula, para você recheiar a **mochila** de conhecimentos dos alunos sobre a África.



Geografia

A África não é um país, e sim um continente

Essa afirmação pode parecer absurda, mas não é. "Há uma tendência em falar da África como se todos que ali vivem tivessem os mesmos hábitos e tradições", diz Rafael Sânzio Araújo dos Anjos, coordenador do Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica da UnB. Ele sugere que o professor localize em mapas os diversos povos que vieram para o Brasil e as riquezas de cada região, principalmente as minas de ouro e diamantes, para a turma entender os motivos da exploração.

Ao falar sobre os diversos povos, é possível destacar as contribuições de cada um para a economia do Brasil Colônia. "Eles trouxeram para cá a melhor tecnologia dos trópicos", informa Rafael. Tanto que os donos das terras encomendavam aos mercadores mão-de-obra especializada para a atividade de seus domínios. Os alunos da 4ª série da Escola Estadual Luigino Burigotto, em Limeira (SP), ficaram espantados ao saber que a enxada, o arado e técnicas de irrigação vieram para o Brasil com os negros. A visita à Fazenda Ibicaba, do início do século 19, ilustrou esse capítulo da aula de Geografia, onde eles conheceram a casa-grande e a **senzala** construídas pelos negros escravizados.

Actualidades

Problemas existem em todo o mundo

Miséria, epidemias e guerras civis existem hoje nos diversos países da África. Mas também estão presentes em outros lugares. Elaine Lavezzo, professora de Cultura Internacional da Escola Internacional de Alphaville, em Barueri, município da Grande São Paulo, trabalha um continente por ano com os alunos de 7ª e 8ª séries. Usando notícias de jornal e livros, ela discutiu com as turmas as guerras civis em Angola e em Ruanda, a fome e a epidemia de Aids. Os alunos do Ensino Médio trabalharam com jovens de baixa renda da comunidade de Santa Terezinha, em Carapicuíba, município vizinho. Reunidos uma vez por semana, eles pesquisaram problemas comuns do Brasil e dos povos africanos e produziram um programa

de rádio, em português e em inglês, que organizações não-governamentais usam em Moçambique e em Nairóbi. Ela contou com a colaboração do professor de Inglês da escola, Bruce Kevin Mack, que falou sobre a sua infância de afro-descendente em Washington, capital dos Estados Unidos, e contou curiosidades de seus antepassados.

História

A África já existia antes dos europeus

O professor do Ensino Médio Jorge Euzébio Assumpção, do Colégio Estadual Presidente Arthur da Costa e Silva, em Porto Alegre, faz questão de mostrar como o continente africano era dividido em reinos antes da chegada dos europeus ([veja infográfico animado](#)). Livros, internet e textos produzidos pelo professor são fonte para os estudantes perceberem a estrutura social e política dos diversos povos. O reino do Congo, por exemplo, era dividido em aldeias familiares, distritos e províncias e todos os governadores eram conselheiros do rei. No império de Gana, os monarcas se reuniam todos os dias com os súditos para **papear**, ouvir reclamações e tomar decisões. Essas informações são comparadas com o modo de vida do negro no nosso país, na época da escravidão, nos quilombos e nos dias de hoje.

"A tradição oral é forte nas culturas africanas, mas os povos também sabiam ler, escrever e viviam em cidades desenvolvidas", destaca Assumpção. Baseados em relatos, os alunos construíram a maquete da cidade universitária de Tumbuctu, que começou a se desenvolver a partir do ano 12.

Ciências naturais

Somos todos africanos

Há 7 milhões de anos houve a separação entre as linhagens do **macaco** e do que viria a ser o homem mais tarde. Os fósseis mais antigos de nossos ancestrais foram encontrados no Vale da Grande Fenda, formação que atravessa a Etiópia, o Quênia e a Tanzânia. Milhões de anos depois, o Homo erectus teria partido dessa região para povoar a Ásia e a Europa, onde se transformou em homem de Neanderthal. Os que continuaram na África evoluíram para a espécie sapiens, que mais uma vez migrou, dizimando ou substituindo os neandertais e os homínídeos asiáticos. E assim o planeta foi povoado.

Douglas Verrangia, biólogo e pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos, ressalta a importância de o professor mencionar isso ao abordar a evolução das espécies, esclarecendo que biologicamente todos os seres humanos são parecidos e que as pequenas diferenças físicas não interferem na capacidade intelectual:

"Isso vai ajudar o aluno a desmontar o falso embasamento científico que subdividiu a humanidade em raças, no século 19, idéias que perduram até hoje".

Gislaine Mara Piran, professora de Ciências e também coordenadora pedagógica da Escola Estadual Luigino Burigotto, inclui essa discussão nas aulas para as turmas de 5ª a 8ª série durante o estudo do corpo humano e da genética: "Deixo claro que alguns povos têm mais melanina na pele em consequência da adaptação ao ambiente em que viviam". Em história das Ciências, você pode citar as contribuições dos povos africanos para a medicina e outras áreas como mostra a linha do tempo das páginas anteriores.

Matemática

Simetria, geometria e cálculo

Na Escola Municipal Arthur de Sales, em Salvador, o projeto África na Sala de Aula é interdisciplinar e faz parte do planejamento. Ao conhecer a cultura egípcia, os alunos de 2ª série da professora Nilce Maria Dantas da Gama estudam as pirâmides e os triângulos. Olhando gravuras que retratam a construção dos monumentos, eles tentam estimar a quantidade de pessoas que trabalharam na obra e de tijolos usados.

A turma da professora Carla Ferreiro de Sena estudou simetria usando alguns símbolos egípcios: "Esse conceito será importante depois, no estudo do corpo humano". Ela mostrou as figuras e pediu que todos as interpretassem. Conhecendo os diferentes significados — como pureza espiritual (unsum), solidez e perseverança (wawa aba), precisão e habilidade (nkyimu) —, eles perceberam a importância de ler imagens. No final, a turma elegeu valores como amizade, respeito e solidariedade — mais próximos deles — e criaram símbolos simétricos para eles.



Língua estrangeira

Reggae e biografias

Algumas escolas de comunidades **quilombolas** prevêm no planejamento atividades para resgatar a língua de seus ancestrais. Mas, mesmo quando o idioma a ser aprendido é o inglês ou o espanhol, é possível inserir a cultura africana e afro-descendente. Cláudia Alexandra

Santos, professora de 5ª a 8ª série do Colégio Estadual Marquês de Maricá, em Salvador, leva para suas turmas letras de músicas do afro-descendente jamaicano Bob Marley e de outros cantores negros e textos em inglês sobre a vida de lideranças como os americanos Malcom X e Martin Luther King. Para Vilma Reis, coordenadora executiva do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, a introdução da cultura negra no ensino de língua estrangeira deixa o aprendizado mais próximo dos afro-descendentes.

Língua portuguesa

Palavras, lendas e heróis

Para mostrar a influência dos falares africanos no Brasil, você pode usar as palavras de origem banta destacadas nesta reportagem, apenas um **tiquinho** em centenas já incorporadas ao nosso vocabulário. Yeda Pessoa de Castro, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, sugere ainda que você leve para sala de aula lendas africanas e histórias que tratem de diversidade. A professora Zuleica Maria Bispo, da Escola Municipal de Educação Básica Antonio Stella Moruzzi, em São Carlos (SP), usa livros como Menina Bonita do Laço de Fita, de Ana Maria Machado, O Pássaro-da-Chuva, de Kersti Chaplet, e o gibi Zumbi dos Palmares (produzido em 2001 pela Editora Lake é distribuído gratuitamente) para atividades de leitura e escrita. Familiares dos alunos afro-descendentes podem ser convidados para contar histórias de sua vida, informações que serão transformadas em texto.

Artes

Na dança, nas máscaras e nos desenhos

A Escola Estadual Geraldo Melo dos Santos, em Maceió, usa elementos da cultura dos povos africanos em todas as séries: a professora Moeme Maria da Silva trabalha conceitos de arte abstrata e geometrismo com as 6as; danças, mitos e adereços com as 7as; e máscaras com as 8as, relacionando essas produções às manifestações artísticas do continente europeu. Para Ana Lúcia Lopes, coordenadora do Núcleo de Educação do Museu Afro-Brasil, em São Paulo, o desafio é não resvalar no preconceito nem cair no encantamento do exótico: "Como a cultura dos povos africanos é pouco conhecida para nós, fica fácil se deslumbrar com o diferente e esquecer de dar valor às culturas africanas em sua essência".

Educação física

Vamos jogar iitop ou mbube-mbube?

Para a disciplina que se dedica à educação do corpo, brincadeiras que privilegiam as competições em equipe. Antônio José dos Santos, também da escola Antonio Stella Moruzzi, há um ano usa o iitop, o mbube-mbube (ou o tigre e o **impala**) e a mamba, e jogos como o yote e a mancala. Ele inicia contando a história do jogo e os valores da cultura africana presentes em cada um. [Veja como construir o kalah, versão do mancala e conheça as regras dos outros jogos.](#)

África

Berço da humanidade e do conhecimento

Foi na África, há milhões de anos, que apareceram nossos ancestrais e dali partiram para povoar a Europa e a Ásia. Lá também foram encontrados os primeiros centros universitários e culturais de que se tem registro (Tumbuctu, Gao e Djene). Saiba mais sobre eles nos textos abaixo e conheça os principais impérios, reinos e estados de onde vieram os negros que foram escravizados no Brasil e as tecnologias que trouxeram. Na linha do tempo, ao lado, alguns dos legados dos povos africanos para a humanidade.

Império de Gana

Entre os séculos 4 e 11, era conhecido como o Império do Ouro. Seu povo dominava técnicas de mineração e usava instrumentos como a bateia, importante para o avanço do ciclo do ouro no Brasil. O clima úmido da região favorecia o desenvolvimento da agricultura e da pecuária

Império de Mali

Expandiu-se por volta do século 12. As cidades de Tumbuctu, Gao e Djene eram importantes centros universitários e culturais. O povo Dogon, que habitava a região, registrou em monumentos as luas de Júpiter, os anéis de Saturno e a estrutura espiral da Via-Láctea, observações feitas a partir do século 17, na Europa

Império de Songai

Nos séculos 14 e 15, se sobrepôs ao Império de Mali. Técnicas de plantio e de irrigação por canais foram aperfeiçoadas e vieram para o Brasil juntamente com os negros escravizados. Esses saberes favoreceram a expansão da agricultura, principalmente durante os ciclos da

cultura de cana-de-açúcar e do café

Civilização Iorubá

Desenvolveu-se a partir do século 11. Os povos dominavam técnicas de olaria, tecelagem, serralheria e metalurgia do bronze, utilizando a técnica da cera perdida (molde de argila que serve de receptáculo para o metal incandescente). A capital, Oyo Benin, era dividida em bairros especializados (curtume, fundição etc.)

Reino do Congo

Já no final do século 16, os habitantes dessa região eram especialistas em forjar ferro e cobre para produção de ferramentas. Introduziram na nossa lavoura a enxada, uma espécie de arado e diversos tipos de machados, que serviam tanto para cortar madeira como para uso em guerras

Vale da Grande Fenda

Foi aqui que as linhagens do macaco e do homem se separaram. Há 2 milhões de anos, essa era a única área habitada por nossos ancestrais. O Homo erectus partiu para a Europa e a Ásia, mas os que continuaram nessa região se transformaram em sapiens, que posteriormente povoaram o mundo.

Fontes: Douglas Verrangia, Jorge Euzébio Assumpção, Scientific American, edição especial no11 Etnomatemática, site Mathematicians of the African Diaspora (www.math.buffalo.edu/mad/index.html) e Para Entender o Negro no Brasil de Hoje, Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes, Ed. Global

África hoje

Área 30 milhões de quilômetros quadrados (20,3% da superfície terrestre do planeta)

População 850 milhões

Número de países 53

Línguas faladas 2019

Fontes: almanaque abril 2004 e Vilma Reis

LINHA DO TEMPO

Cerca de 20000 a.C.

O objeto matemático mais antigo é o bastão de Ishango, osso com registros de dois sistemas de numeração. Ele foi encontrado no Congo em 1950 e é 18 mil anos mais antigo do que a matemática grega

3000 a.C.

O médico negro Imhotep é o verdadeiro pai da medicina: ele viveu 25 séculos antes de Hipócrates e já aplicava no Egito conhecimentos de fisiologia, anatomia e drogas curativas em seus pacientes

2000 a.C.

O povo haya (da região da atual Tanzânia) produzia aço a 400 graus Celsius — temperatura superior a dos fornos europeus do século 19. Uma faca datada de 900 a.C., feita no Egito, é o objeto de ferro mais antigo

1650 a.C.

O papiro de Rhind indica que os egípcios sabiam o valor da constante geométrica pi muito antes de Arquimedes (250 a.C.) e as propriedades do triângulo retângulo antes de Pitágoras (séc. 6 a.C.)

Século 12

Muros de pedra de 10 metros de altura foram erguidos na região do Zimbábue. As ruínas revelam saberes avançados também dos povos subsaarianos em construção civil

1879

O médico inglês R. W. Felkin aprendeu com os banyoro técnicas da cesariana. O procedimento

Reparações às vítimas do Holocausto Negro.



A história do Brasil está indelévelmente atrelada ao maior genocídio do mundo. Para se ter uma ideia do massacre, dos séculos XV ao XIX, a África perdeu negros que foram escravizados ou mortos numa cifra de cerca de 65 a 75 milhões de pessoas. O passado é eterno e se amanhã triunfar a paz e a justiça, nada jamais poderá apagar o profundo desespero desses milhões de seres humanos: desumanização de populações, o terror exercido com total impunidade, estupro, suicídio de vítimas, exploração até a morte e a ganância sem limites dos carrascos.

A escravidão não foi um acidente da história, ela foi uma política de Estado. A principal base da economia brasileira foi o trabalho escravo. Por isso, costumamos perguntar o seguinte: no Brasil quem são os ricos? São os que tiveram escravos para construir suas riquezas e ficaram com os bens que os negros produziram. Quando houve a abolição o negro não teve direito a indenização. Logo, se o negro não obteve dinheiro nesse processo, ele teve e tem até hoje uma qualidade de vida muito prejudicada. Nesse país se fala muito de herança, mas a herança que as pessoas edificaram foi em cima de um povo que trabalhou gratuitamente para eles. Passados mais de cem anos da “libertação dos escravos”, o Brasil e os países que se

beneficiaram com o trabalho dos africanos e seus descendentes ainda não acertaram as contas com as vítimas do holocausto negro.

O que alguns grupos étnicos sofreram é motivo de como  o social e também da indenização dos descendentes das vítimas do horror, porém, esta atrocidade foi praticada durante séculos contra os negros da África e seus descendentes, sem que a sociedade se questionasse. Pelo contrário, neste caso, até hoje foram os agressores os únicos indenizados. O Haiti foi o primeiro país a realizar a abolição da escravidão juntamente com a sua independência e aonde se chegou a liberdade através de uma revolução negra. Esse fato teve repercussão em todo o continente Americano, de tal forma que podemos considerar que a abolição que se deu em outros países foi directa ou indirectamente resultado desta primeira abolição. Este país, um dos mais pobres do planeta, pagou a França, até 1946, 150 milhões de franco-ouro destinados a compensar os colonos, após a independência conquistada em 1804. No Brasil, último país do mundo a abolir a escravidão, os negros tornaram-se “livres”, através de leis que visavam antes de tudo beneficiar os proprietários de escravos. Em 1871, foi aprovada a lei do Ventre Livre declarando que os filhos de escravas que nascessem a partir daquela data, seriam criados por seus proprietários até a idade de 8 anos, após esta faixa etária, o senhor de engenho teria a opção de receber do Estado a indenização de 6000\$000, ou de utilizar-se dos serviços do menor até a idade de 21 anos.

Em 1885, foi promulgada a chamada Lei do Sexagenário, que dava liberdade aos escravos com mais de 60 anos de idade. A título de indenização, porém, o idoso deveria trabalhar gratuitamente mais 3 anos. Essa lei agradou os fazendeiros, pois ficavam livres dos escravos improdutivos.

O Decreto núm 1.331, de 1854 e o aviso Imperial 144, de 1864, proibiam o acesso de escravos à escola, e contribuíram para a exclusão do negro da formação do Estado nacional. A Coroa Portuguesa após a proibição do tráfico negreiro em 1850, concedeu nacionalidade portuguesa aos traficantes brasileiros estabelecidos na Costa d`África e atribuiu a alguns deles títulos de nobreza.

O regime republicano ao invés de libertar socialmente os negros no Brasil reafirmou sua subalternidade ao excluir do direito de voto o analfabeto e ao definir uma política de imigração europeia, considerando publicamente o trabalhador europeu como um elemento civilizador e o trabalhador descendente de africanos como barbarizador e incompetente. O Brasil concedeu terras e incentivos fiscais para os imigrantes europeus. Todavia se estabelecermos conexões da abolição com outras situações, como a imigração, o que é que verificamos? O que foi, então, fornecido aos negros libertos? Quanto por exemplo, o Estado gastou com os negros? Nada. E quanto gastou com os imigrantes europeus? Muito.

Nada, de tudo isso, impede reparar os danos do passado. As vítimas da ditadura militar, entre elas artistas e políticos destacados, recebem indenizações do Estado, a família Orleans de Bragança, descendentes e herdeiros de D. Pedro II, detém até os dias de hoje o título de nobreza e recebe anualmente soldos denominados foro. Porém o crime do escravismo, praticado durante séculos neste país, goza de escandalosa impunidade.

Estamos pleiteando na justiça, uma indenização de 2 milhões de reais para cada afro-brasileiro. Outros povos vitimados pelo holocausto foram reparados. Os judeus sofreram sete anos de trabalho forçado e extermínio nos campos de concentração nazistas, este povo tem recebido

indenizações por este crime, inclusive a criação do Estado de Israel. Recentemente, um juiz federal dos EUA aprovou o pagamento de uma indenização recorde de US\$ 21,9 milhões aos herdeiros de duas famílias vítimas do holocausto Judeu, US\$ 1,2 bilhão foi pago em indenização aos japoneses detidos nos EUA na Segunda Guerra.

É necessário reparar este mal infligido ao povo negro, apenas o pedido de perdão e a solidariedade por parte do Estado não nos é suficiente, queremos reparações e ressarcimento, não apenas como uma forma de política de compensação, mas também do país se reconciliar, corrigir-se com um povo, pela maneira como o tratou.

Knowledge and wisdom for your mind

“The more we learn, the more we know how much we don't know”

Martin Luther King, Jr. said, "by the time we leave for work, Americans have depended on the inventions from the minds of Blacks." Black history includes more than just slavery

A Importancia do Negro

“Essa é a história de um garoto chamado Theo que acordou um dia e perguntou a sua mãe: "Mãe, o que aconteceria se não existissem pessoas negras no mundo?"

Sua mãe pensou por um momento e então falou: "Filho, siga-me hoje e vamos ver como seria se não houvesse pessoas negras no mundo". E, então, disse: "Agora vá se vestir e nós começaremos".

Theo correu para seu quarto e colocou suas roupas e sapatos. Sua mãe deu uma olhada nele e disse: "Theo, onde estão seus sapatos? E suas roupas estão amassadas, filho, preciso passá-las". Mas quando ela procurou pela tábua de passar, ela não estava mais lá. Veja, Sarah Boone, uma mulher negra, inventou a tábua de passar roupa. E Jan E. Matzlinger, um homem negro, inventou a máquina de colocar solas nos sapatos.

"Então... - ela falou - Por favor vá e faça algo em seu cabelo." Theo decidiu apenas escovar seu cabelo, mas a escova havia desaparecido. Veja, Lydia O. Newman, uma mulher negra, inventou a escova. Ora, essa foi uma visão... nada de sapatos, roupas amassadas, cabelos desarrumados. Mesmo o cabelo da mãe, sem as invenções para cuidar do cabelo feitas por Madame C. J. Walker... Bem, vocês podem vislumbrar...

A mãe disse a Theo: "Vamos fazer nossos trabalhos domésticos e, então, iremos ao mercado". A tarefa de Theo era varrer o chão. Ele varreu, varreu e varreu. Quando ele procurou pela pá de lixo, ela não estava lá. Lloyd P. Ray, um homem negro, inventou a pá de lixo.

Ele decidiu, então, esfregar o chão, mas o esfregão tinha desaparecido. Thomas W. Stewart, um homem negro, inventou o esfregão.

Theo gritou para sua mãe: "Não estou tendo nenhuma sorte!" Ela responde: "Bem, filho, deixe-me terminar de lavar estas roupas e prepararemos a lista do mercado". Quando a lavagem estava finalizada, ela foi colocar as roupas na secadora, mas ela não estava lá. Acontece que George T. Samon, um homem negro, inventou a secadora de roupas.

A mãe pediu a Theo que pegasse papel e lápis para fazerem a lista do mercado. Theo correu para buscá-los, mas percebeu que a ponta do lápis estava quebrada. Bem... ele estava sem sorte,

porque John Love, um homem negro, inventou o apontador de lápis.

A mãe procurou por uma caneta, mas ela não estava lá, porque William Purvis, um homem negro, inventou a caneta-tinteiro. Além disso, Lee Burridge inventou a máquina de datilografia e W. A. Lovette, a prensa de impressão avançada.

Theo e sua mãe decidiram, então, ir direto para o mercado. Ao abrir a porta, Theo percebeu que a grama estava muito alta. De fato, a máquina de cortar grama foi inventada por um homem negro, John Burr.

Eles se dirigiram para o carro, mas notaram que ele simplesmente não sairia do lugar. Isso porque Richard Spikes, um homem negro, inventou a mudança automática de marchas e Joseph Gammel inventou o sistema de supercarga para os motores de combustão interna. Eles perceberam que os poucos carros que estavam circulando, batiam uns contra os outros, pois não havia sinais de trânsito. Garret A. Morgan, um homem negro, foi o inventor do semáforo.

Estava ficando tarde e eles, então, caminharam para o mercado, pegaram suas compras e voltaram para casa. Quando eles iriam guardar o leite, os ovos e a manteiga, eles notaram que a geladeira havia desaparecido. É que John Standard, um homem negro, inventou a geladeira.

Colocaram, assim, as compras sobre o balcão. A essa hora Theo começou a sentir bastante frio. Sua mãe foi ligar o aquecimento. Acontece que Alice Parker, uma mulher negra, inventou a fornalha de aquecimento. Mesmo no verão eles não teriam sorte, pois Frederick Jones, um homem negro, inventou o ar condicionado.

Já era quase a hora em que o pai de Theo costumava chegar em casa. Ele normalmente voltava de ônibus. Não havia, porém, nenhum ônibus, pois seu precursor, o bonde elétrico, foi inventado por outro homem negro, Elbert R. Robinson.

Ele usualmente pegava o elevador para descer de seu escritório, no vigésimo andar do prédio, mas não havia nenhum elevador, porque um homem negro, Alexander Miles, foi o inventor do elevador.

Ele costumava deixar a correspondência do escritório em uma caixa de correio próxima ao seu trabalho, mas ela não estava mais lá, uma vez que foi Philip Downing, um homem negro, o inventor da caixa de correio para a colocação de cartas e William Berry inventou a máquina de carimbo e de cancelamento postal.

Theo e sua mãe sentaram-se na mesa da cozinha com as mãos na cabeça. Quando o pai chegou, perguntou-lhes: "Por que vocês estão sentados no escuro?". A razão disso? Pois Lewis Howard Latimer, um homem negro, inventou o filamento de dentro da lâmpada elétrica.

Theo havia aprendido rapidamente como seria o mundo se não existissem as pessoas negras. Isso para não mencionar o caso de que pudesse ficar doente e necessitar de sangue. Charles Drew, um cientista negro, encontrou uma forma para preservar e estocar o sangue, o que o levou a implantar o primeiro banco de sangue do mundo.

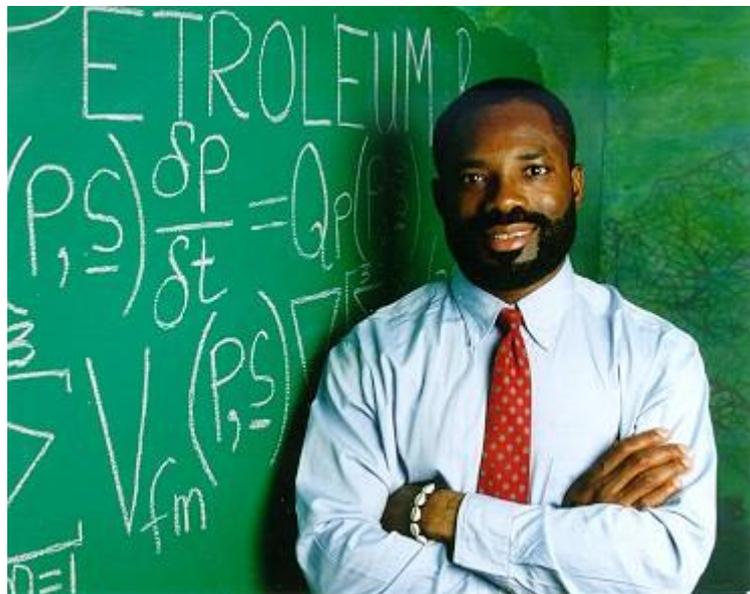
E se um membro da família precisasse de uma cirurgia cardíaca? Isso não seria possível sem o Dr. Daniel Hale Williams, um médico negro, que executou a primeira cirurgia aberta de

coração.

Então, se você um dia imaginar como Theo, onde estaríamos agora sem os Negros? Bem, é relativamente fácil de ver.”

Philip Emeagwali:

"Distinção" podia ser o nome do meio de Philip Emeagwali. Tendo deixado o curso colegial e tendo sido um refugiado de guerra, este nigeriano a viver nos Estados Unidos é hoje a sensação do mundo da super-computação. Ele tem sido chamado de "Bill Gates da África". Seus antigos colegas do Christ the King College, em Onitsha, lembram-se dele como "Cálculo". Emeagwali



detém inúmeros recordes: processamento mais rápido do mundo com 3.1 bilhões de cálculos por segundo, **possibilitando estudar o aquecimento global, as condições do tempo e determinar como o petróleo flui sob a terra;** recorde mundial por resolver as maiores equações diferenciais parciais com 8 milhões de grid points; recorde mundial por resolver as maiores equações de previsão de tempo com 128 milhões de grid points; recorde mundial por um inédito modelo de aceleração de computação paralela; descoberta do paradoxo contra-intuitivo do hipercubo; formulação da teoria de modelos de mosaicos para computação paralela; descoberta da quiralidade, dualidade, helicidade, etc. Suas demais façanhas se estenderiam por mais oito páginas. Emeagwali tem recebido os mais importantes prêmios no seu campo de conhecimento, mas diz que o mundo ainda não viu nada. Num período de sete meses, Reuben Abati do "The Guardian" entrevistou Emeagwali, abordando uma diversidade de temas.



Alexander Miles – elevador

Alexandre Miles inventa o elevador em 11 de outubro de 1867.



RICHARD SPIKES, um homem negro, inventou a mudança automática de marchas em 1932.

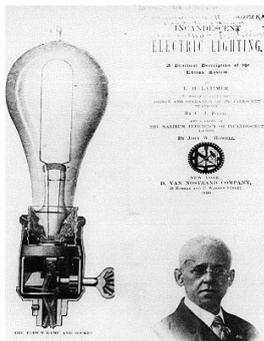


GARRET A. MORGAN, um homem negro, foi o inventor do semáforo. e primeira máscara contra gases um capacete para bombeiros. Filho de escravos libertados, passou a infância frequentando escola e trabalhando com os irmãos e irmãs em uma fazenda da família. Com apenas o a formação educacional primária e ainda adolescente deixou o Kentucky, mudando-se para Cincinnati, Ohio, à procura de emprego. Não arranhou emprego fixo durante sua adolescência e trabalhou muito tempo como um biscateiro. Mudou-se (1895) para Cleveland, Ohio,

onde ele trabalhou como consertador de máquina de costura para um fabricante de roupas. Assim seu interesse por mecânica se iniciou quando trabalhou com uma máquina de ajustamento de peças de roupa, trabalho que serviu para despertar seu espírito inventivo. Abriu sua própria loja de consertos (1907), o primeiro de vários negócios que ele empreenderia. Dois anos depois (1909), ele ampliou o empreendimento, incluindo uma loja de costura com 32 empregados, produzindo casacos, ternos e vestidos. Com o tempo seus negócios progrediram e ele se tornou um próspero homem de negócios. Sua prosperidade o permitiu que se dedicasse ao seu gênio inventivo. Fundou um jornal semanal, o *Cleveland Call*, com notícias sobre a comunidade afro-americana (1920). Sua máscara contra gases, que se popularizou durante a Primeira Grande Guerra (1914-1918), e a invenção do sinal de trânsito, valeram-lhe a First Grand Prize Golden Medal pela National Safety



FREDERICK JONES, um homem negro, inventou o ar condicionado.



LEWIS HOWARD LATIMER, um homem negro, inventou o filamento de dentro da lâmpada eléctrica.



JAN ERNST MATZELIGER (1852-1889) inventou a 'máquina sem fim' que impactou grandemente na indústria dos sapatos do mundo. Obteve uma patente do governo em 1883. Após vendeu os direitos à firma Consolidated Hand Method Lasting Machine Co. **máquina de colocar solas nos sapatos**



O DR. **ERNEST E. JUST** (1883-1941) estudou a fertilização e a estrutura celular do ovo antes da I Guerra Mundial. Ele deu ao mundo a primeira visão da arquitectura humana ao explicar como trabalham as células.



GRANVILLE T. WOODS (1856-1910) inventou um novo transmissor do telefone que revolucionou a qualidade e distância à que podia viajar o som. A companhia de telefones Bell comprou a patente de Woods, cujo trabalho mais memorável foi a melhora que logrou para os trens. Primeiramente, ele inventou o “sistema de telegrafia ferroviário”, que permitiu enviar mensagens de trem a trem, mas em 1888 melhorou seu invento com um sistema que permitiu electrificar os trens.



GEORGE CARRUTHERS, um astrofísico da NASA, desenvolveu a câmara remota ultravioleta que se usou na missão da Apollo XVI e que permitiu ao mundo ter uma visão das crateras da lua na década de 1960. Sua combinação de telescópio e câmara é ainda usada nas missões dos transbordadores.



Em 1986, a DRA. **PATRICIA E. BATH**, uma oftalmologista, inventou um dispositivo laser que tem se usado desde então na cirurgia de cataratas.



O químico **PERCY L. JULIAN**, “um dos maiores cientistas do século 20”, segundo a revista *Ébano*, abriu o caminho para o desenvolvimento do tratamento do mal de Alzheimer e do glaucoma com seus experimentos em 1933. “Sua investigação na síntese da fisostigmina, uma droga para tratar o glaucoma, determinou que melhora a memória dos pacientes do mal de Alzheimer e serviu como antídoto do gás nervoso”, segundo *Ébano*.



BENJAMIM BANNIKER foi o primeiro inventor afro-americano notável. Ele fez o primeiro relógio nos Estados Unidos e experimentou em astrologia. Depois, foi assistente do francês La Flan, que planejou a cidade de Washington. Quando La Flan deixou o país desencantado com os norte-americanos, Banniker recordou os planos e virou o verdadeiro responsável do desenho da cidade, uma das poucas dos Estados Unidos com ruas suficientemente amplas como para permitir o passo de dez automóveis ao mesmo tempo.



DR. **MARK DEAN** o arquitecto e inventor do moderno computador



C. J. Walker, productos para cuidar do cabelo; foi a primeira mulher americana a transformar-se um millionaria com seus próprios esforços numa epoca em que era raro para que uma mulher tivesse sucesso.



CHARLES DREW, um cientista negro, encontrou uma forma para preservar e estancar o sangue, o que o levou a implantar o primeiro banco de sangue do mundo.



Dr. Daniel Hale Williams, executou a primeira cirurgia aberta de coração;



George Washington Carver, métodos de cultivo que salvaram a economia do sul dos Estados Unidos na década de 1920



Lydia O. Newman, escova para pentear cabelos femininos;



Philip Downing, caixa de correio; Oct. 27, 1939



Henry T. Sampson, co-inventor of the gamma electric cell, which converts gamma radiation into electricity without going through a heat cycle.

Mais? A lista é inesgotável. Vejamos outros.

JOHN STANDARD, um homem negro, inventouo frigorífico.

ALICE PARKER, uma mulher negra, inventou a fornalha de aquecimento.

WILLIAM PURVIS, um homem negro, inventou a caneta-tinteiro.

O Eléctrico, foi inventado por outro homem negro, **ELBERT R. ROBINSON**.

LEE BURRIDGE aperfeiçoou a máquina de dactilografia.

O físico **LLOYD QUARTEMAN** jogou um papel transcendental na equipe científica norte-americana que desenvolveu o primeiro reactor nuclear na década de 1930 e iniciou a era atómica no mundo.

Outro físico, **ROBERTO E. SHURNEY**, desenvolveu os pneumáticos de malha de arame para o robô da Apollo XV que tocou a superfície da lua em 1972.

JOSEPH GAMME, inventou o sistema de supercarga para os motores de combustão interna.

George T. Samon, Secador de roupa

John Love, apontador de lápis

Joseph Gammel, sistema de supercarga para os motores de combustão interna

Lloyde P. Ray, pá de lixo

Raphael E. Armattoe, encontrou a cura para a doença do verme da água da Guiné com sua droga Abochi;

Thomas W. Stewart; esfregão para limpar o chão;

Sarah Boone; uma mulher negra, inventou a tábua de passar roupa.

W. A. Lovette, prensa de impressão avançada;

John Burr, máquina de cortar relva; 19 maio de 1889

William Berry, máquinas de carimbo e cancelamento postal

William Hinton, primeiro manual médico sobre a sífilis

O pai da medicina não foi Hipócrates, mas Imotep, médico negro que viveu dois mil anos antes do médico grego

W. H. Richardson, carrinho de bebe, junho 18, 1899

W. A. Martin, cadeado julho 23, 1889

Issac r. Johnson, quadro de bicicleta, Out. 10, 1899

O. Dorsey, Door stop, Dez. 10, 1878

Robert Flemming Jr., Guitarra, Março 3, 1886

Paul E. Williams, Helicopetro

J. Gregory, Motor

6. Cellular Car Phone	Henry T. Sampson	July 6, 1971
9. Curtain Rod	S. C. Scratton	Nov. 30 1889
10. Lunch Pail	James Robinson	1887
11. Esfregona	Thomas B. Stewart	June 11, 1893
12. Door Knob	O. Dorsey	Dec. 10, 1878

13. pa do lixo	Lawrence P. Ray	Aug. 3, 1897
15. extintor de incendio	T.J. Marshall	Oct. 26, 1872
16. Spark Plug	Edmond Berger	Feb. 2, 1830
17. Folding Bed	L. C. Bailey	July 18, 1889
20. limpa vidros	A. L. Lewis	1892
21. gelado	Augustus Jackson	TBD
23. Triciclo	M. A. Cherry	May 8, 1888
24. Lawn Sprinkler	J.W. Smith	May 4, 1897
25. Thermostat Control	Frederick M. Jones	Feb. 23, 1960
26. Golf Tee	T. Grant	Dec.12, 1899
27. fogao	T. A. Carrington	July 25, 1876
29. Folding Chair	Brody & Surgwar	June 11, 1889
30. auscultador	Imhotep	Ancient Egypt
31. Fire Escape Ladder	J. W. Winters	May 7, 1878
32. Eye Protector	P. Johnson	Nov. 2, 1880
34. Potato Chip	Huram S. Thomas	TBD
36. Lanterna	Michael C. Harvey	Aug. 19, 1884
37. Lunch Pail	James Robinson	1887
38. porta chave	F. J. Loudin	Jan. 9, 1894
39. Toilet	T. Elkins	1897
40. Stream Table	G.W. Kelley	1897
41. colher de gelado	Alfred Cralle	Feb 2, 1897
42. Ship Propeller	George Tolivar	TBD
43. espremedor de limao	J. H. White	1896
45. Airplane Propelling	James S. Adams	TBD
46. Sailing Apparatus	James Forten	1850
47. Wrench	John A. Johnson	TBD

Leis de Jim Crow

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.



Estação de ônibus em Durham, Carolina do Norte, Maio de 1940: a placa indica o local das pessoas de cor. À esquerda, um anúncio fala de Hitler.

O termo Jimm Crow originou, supostamente, de um actor branco que retratou um homem negro chamado Jim Crow, mas também pode ter se originado de uma música e dança caricatura que gozava os Afro-americanos no início até meados do século XIX. Leis de Jim Crow apareceram pela primeira vez logo após a Guerra Civil, quando o governo federal começou a devolver o poder aos estados do sul. Sob a lei federal, os escravos libertados foram garantidos os direitos civis, mas como democratas brancos no sul começaram a recuperar o controlo dos governos estaduais? muitas vezes através de meios agressivos, incluindo a intimidação dos eleitores e violência directa - as leis de Jim Crow Afro-americanos começaram a segregar do resto da população branca.

O desaparecimento das leis Jim Crow não veio de uma vez. Vários eventos importantes? Inclusive Rosa Parks, a recusa para se deslocar de seu assento em um autocarro segregados, bem como vários boicotes de autocarros? Constituídas e, desde tensão suficiente na sociedade que a questão da segregação, finalmente, teve de ser tratada. Martin Luther King, Jr. foi um dos principais proponentes para acabar com as leis de Jim Crow, e não muito tempo depois de sua morte, o Congresso promulgou a Lei dos Direitos Civis de 1964, terminando efectivamente leis de Jim Crow. O Voting Rights Act de 1965 continuou em que o sentimento, não permitindo a segregação em todas as eleições. Infelizmente, muitas práticas de Jim Crow persistiram até meados dos anos 1970? S, sob a forma de violência ou provocação pura e simples, e alguns o sentimento de segregação ainda existe hoje em toda as partes dos Estados Unidos.

As **leis de Jim Crow** foram leis estaduais e locais decretadas nos estados sulistas e limítrofes nos Estados Unidos da América, em vigor entre 1876 e 1965, e que afectaram afro-americanos, asiáticos e outros grupos. A "época de Jim Crow" ou a "era de Jim Crow" se refere ao tempo em que esta prática ocorria. As leis mais importantes exigiam que as escolas públicas e a maioria dos locais públicos (incluindo comboios e autocarros) tivessem instalações separadas para brancos e negros. Estas *Leis de Jim Crow* eram distintas dos *Black Codes* (1800-1866), que restringiam as liberdades e direitos civis dos afro-americanos. A segregação escolar patrocinada pelo estado foi declarada inconstitucional pela Suprema Corte em 1954 no caso *Brown v. Board of Education*. Todas as outras leis de Jim Crow foram revogadas pelo *Civil Rights Act* de 1964^[1].

Histórico

Durante o período de Reconstrução dos estados sulistas (1865-1876), após a Guerra de Secessão, leis federais estabeleceram proteção aos direitos civis para os libertos (ex-escravos negros) do Sul. A Reconstrução terminou em datas diferentes nos vários estados (a última, em 1877) e foi seguida em cada estado sulista por governos *salvacionistas* que aprovaram as leis de Jim Crow para separar as raças. Na *Era Reformista*, as restrições foram formalizadas e a segregação foi estendida ao governo federal pelo presidente Woodrow Wilson em 1913.

Depois de 1945, o Movimento pelos Direitos Civis ganhou impulso e utilizou as cortes federais para atacar as *leis de Jim Crow*. A Suprema Corte declarou *de jure* em 1954, a inconstitucionalidade da segregação nas escolas públicas, e na prática, ela terminou na década de 1970. A decisão da Corte não eliminou a segregação informal ou *de facto*, a qual sobrevive em grandes cidades. O presidente Lyndon B. Johnson, ao construir uma coalizão de democratas e republicanos nortistas, instigou o Congresso a aprovar a *Lei dos Direitos Civis* de 1964^[2], a qual imediatamente anulou todas as leis de Jim Crow^[3]. Restaurantes, hotéis e teatros (com raras exceções), aboliram a segregação racial^[4]. A *Voting Rights Act* encerrou a discriminação em todas as eleições federais, estaduais e locais.

"Jim Crow"

O nome "Jim Crow" era dado frequentemente aos escravos negros norte-americanos e foi imortalizado por uma canção muito em voga no século XIX, pelo artista Thomas Rice, que retratava os negros de uma forma discriminatória, como idiotas inocentes, preguiçosos e infantis.

Com a abolição da escravatura no fim da Guerra Civil americana, em 1863, surgiram questões relativas à responsabilidade da sociedade branca americana no que diz respeito aos seus escravos, nomeadamente à questão se estes deveriam ter apoios económicos para a sua reinserção na sociedade. O Governo Federal americano tentou instituir nos estados do Sul uma maior igualdade perante a lei e o direito de voto para os antigos escravos através da Declaração de 1875.

Alguns estados federados do Sul tentaram através dos chamados "Códigos Negros" limitar de forma legal os direitos dos negros. Na prática, apesar do fim da sociedade escravagista, mantinham-se as regras segregacionistas e racistas que estavam na base da escravatura. Esta oposição da sociedade aos novos ventos de mudança reconheceu algum apoio das instâncias superiores dos EUA no reconhecimento por parte do Supremo Tribunal americano que a declaração não dizia respeito a actos pessoais discriminatórios, abrindo uma brecha para a legalidade da legislação local segregacionista de alguns estados do Sul. Na prática, o tribunal transferia a legitimidade da legislação do Governo Central para os estados, dando assim lugar à que ficou conhecida como a época "Jim Crow". Desde a educação até ao casamento, tempos livres ou o trabalho e o transporte, todas estas áreas da vida social foram reestruturadas de forma a seguirem os princípios da separação entre brancos e negros, a segregação "Jim Crow" com estatuto legal. Quando a Lei não bastava para apoiar a separação, os estados do Sul conheceram a prática da violência organizada para assegurar um retrocesso nos direitos dos negros, como foi o caso do movimento racista Ku-Klux-Klan que com a ameaça real dos linchamentos forçavam os afro-americanos a aceitarem pelo medo a sua situação "inferior" e a conservarem-se dentro da imagem estereotipada do escravo "Jim Crow", sem possibilidade de acederem a uma melhor educação e emprego. O fim da era "Jim Crow" só veio a acontecer em 1954 quando uma decisão judicial declarou inconstitucionais as escolas separatistas, um movimento que deu lugar ao fim da segregação social nos transportes, aos restaurantes e outras áreas da sociedade até total erradicação no Ato dos Direitos Civis de 1964.

Jim Crow

"Jim Crow"



"O nome "Jim Crow" era dado frequentemente aos escravos negros norte-americanos e foi imortalizado por uma canção muito em voga no século XIX, pelo artista Thomas Rice, que retratava os negros de uma forma discriminatória, como idiotas inocentes, preguiçosos e infantis.

Com a abolição da escravatura no fim da Guerra Civil americana, **em 1863, surgiram questões relativas à responsabilidade da sociedade branca americana no que diz respeito aos seus ex-escravos, nomeadamente à questão se estes deveriam ter apoios económicos para a sua reinserção na sociedade.**

O Governo Federal americano tentou instituir nos estados do Sul uma maior igualdade perante a lei e o direito de voto para os antigos escravos através da Declaração de 1875.

Alguns estados federados do Sul **tentaram através dos chamados "Códigos Negros" limitar de forma legal os direitos dos negros.** Na prática, apesar do fim da sociedade escravagista, mantinham-se as regras segregacionistas e racistas que estavam na base da escravatura.

Esta oposição da sociedade aos novos ventos de mudança reconheceu algum apoio das instâncias superiores dos EUA no reconhecimento por parte do Supremo Tribunal americano que a declaração não dizia respeito a actos pessoais discriminatórios, abrindo uma brecha para a legalidade da legislação local segregacionista de alguns estados do Sul. Na prática, o tribunal transferia a legitimidade da legislação do Governo Central para os estados, dando assim lugar à que ficou conhecida como a época "Jim Crow".

Desde a educação até ao casamento, tempos livres ou o trabalho e o transporte, todas estas áreas da vida social foram reestruturadas de forma a seguirem os princípios da separação entre brancos e negros, a segregação "Jim Crow" com estatuto legal.

Quando a Lei não bastava para apoiar a separação, **os estados do Sul conheceram a prática da violência organizada para assegurar um retrocesso nos direitos dos negros**, como foi o caso do **movimento racista Ku-Klux-Klan** que com a ameaça real dos linchamentos forçavam os afro-americanos a aceitarem pelo medo a sua situação "inferior" e a conservarem-se dentro da imagem estereotipada do escravo "Jim Crow", sem possibilidade de acederem a uma melhor educação e emprego.

O fim da era "Jim Crow" só veio a acontecer em 1954 quando uma decisão judicial declarou inconstitucionais as escolas separatistas, um movimento que deu lugar ao fim da segregação social nos

transportes, aos restaurantes e outras áreas da sociedade **até total erradicação no Acto dos Direitos Civis de 1964.**



O desaparecimento das leis Jim Crow não veio de uma vez. Vários eventos importantes, inclusive **Rosa Parks**, a recusa para se deslocar de seu assento em um autocarro segregados, bem como vários boicotes de autocarros? Constituídas e, desde tensão suficiente na sociedade que a questão da segregação, finalmente, teve de ser tratada. **Martin Luther King, Jr.** foi um dos principais proponentes para acabar com as leis de Jim Crow, e não muito tempo depois de sua morte, o Congresso promulgou a Lei dos Direitos Civis de 1964, terminando efectivamente leis de Jim Crow.

O Voting Rights Act de 1965 continuou em que o sentimento, não permitindo a segregação em todas as eleições. **Infelizmente, muitas práticas de Jim Crow persistiram até meados dos anos 1970? S, sob a forma de violência ou provocação pura e simples, e alguns o sentimento de segregação ainda existe hoje em toda as partes dos Estados Unidos. "**

Carta de William Lynch

Virginia, 1712.

Senhores:

Eu saúdo vocês, aqui presentes nas beiras do Rio James, no ano de 1712 do nosso Senhor. Primeiro, devo agradecer a vocês, senhores da colônia da Virgínia, por me trazerem aqui.

Estou aqui para ajudá-los a resolver alguns dos seus problemas com escravos. O convite de vocês chegou até a mim, lá na minha modesta plantação nas Índias do Oeste onde experimentei alguns mais novos, e outros ainda velhos, métodos de controle de escravos.

A Antiga Roma nos invejaria se o meu programa fosse implementado.

Assim que o nosso navio passou ao sul do Rio James, nome do nosso ilustre Rei, eu vi o suficiente para saber que o problemas de vocês não é único.

Enquanto Roma usava cordas e madeira para crucificar grande número de corpos humanos pelas velhas estradas, vocês aqui usam as árvores e cordas. Eu vi um corpo de um escravo morto balançando em um galho de árvore a algumas milhas daqui.

Vocês não estão só perdendo estoques valiosos nesses enforcamentos, estão tendo também levantes, escravos fugindo, suas colheitas são deixadas no campo tempo demais para um lucro máximo, vocês sofrem incêndios ocasionais, seus animais são mortos. Senhores! Vocês conhecem seus problemas; eu não estou aqui para enumerá-los, mas para ajudar a resolvê-los!

Tenho comigo um método de controle de escravos negros. Eu garanto que se você implementar da maneira certa, controlará os escravos no mínimo durante 300 anos. Meu método é simples e todos os membros da família e empregados brancos podem usá-lo.

Eu seleciono um número de diferenças existentes entre os escravos; eu pego essas diferenças e as faço ficarem maiores, exagero-as.

Então eu uso o medo, a desconfiança, a inveja, para controlá-los. Eu usei esse método na minha fazenda e funcionou; não somente lá mas em todo o Sul.

Pegue uma pequena e simples lista de diferenças e pense sobre elas. Na primeira linha da minha lista está “Idade”, mas isso só porque começa com a letra “A”. A segunda linha, coloquei “Cor” ou “Nuances”. Há ainda, “inteligência”, “tamanho”, “sexo”, “tamanho da plantação”, “status da plantação”, “atitude do dono”, “se mora no vale ou no morro”, “Leste ou Oeste”, “norte ou sul”, se tem “cabelo liso ou crespo”, se é “alto ou baixo”.

Agora que vocês tem uma lista de diferenças, eu darei umas instruções, mas antes, eu devo assegurar que a desconfiança é mais forte do que a confiança e que a inveja é mais forte do que a adulação, o respeito e a admiração.

O escravo negro, após receber esse endoutrinamento ou lavagem cerebral, perpetuará ele mesmo, e desenvolverá esses sentimentos, que influenciarão seu comportamento durante

centenas, até milhares de anos, sem que precisemos voltar a intervir. A sua submissão à nós e à nossa civilização será não somente total, mas também profunda e durável.

Não se esqueçam que vocês devem colocar o velho negro contra o jovem negro. E o jovem negro contra o velho negro. Vocês devem jogar o negro de pele escura contra o de pele clara. E o de pele clara contra o de pele escura. O homem negro contra a mulher negra.

É necessário que os escravos confiem e dependam de NÓS. Eles devem amar, respeitar e confiar somente em nós.

Senhores, essas dicas são as chaves para controlá-los, usem-nas. Façam com que as suas esposas, filhos e empregados brancos também as utilizem. Nunca percam uma oportunidade.

Meu plano é garantido e a boa coisa nisso é que se utilizado intensamente durante um ano, os escravos por eles mesmos acentuarão ainda mais essas oposições e nunca mais terão confiança em si mesmos, o que garantirá uma dominação quase eterna sobre eles. Obrigado, senhores.

William Lynch

Esse discurso foi pronunciado por um escravagista europeu, William Lynch, em 1712. Ele fora convidado a apresentar uma nova técnica de controle dos africanos deportados para os Estados Unidos, que se revoltavam cada dia, criando problemas para os negócios. William Lynch, pela sua competência e expertise, se tornou um consultor no assunto.

Negro contra negro

15/12/2005



A face mais cruel do racismo talvez seja aquela que põe o negro contra o próprio negro, sem que eles tenham consciência de que estão sendo usados como instrumento de dominação. Como você quer que uma criança negra, que não tem nenhum valor positivo no seu ambiente escolar - na verdade aprende a ser branca, do ponto de vista cultural, embora de pele negra - valorize a sua cor, a sua história? Ela não tem identidade. É negra, mas de identidade branca. É natural que, como também está em conflito, queira se negar. Uma forma de se negar é agredir o igual. Na verdade é uma coisa ideológica, maquiavelicamente construída, explica Ivanir dos Santos, secretário-executivo do CEAP - Centro de Articulação de Populações Marginalizadas, uma organização não-governamental atuante desde 1989.

Sem uma análise profunda, diz Ivanir, é comum que alguns mal-informados apresentem o problema como se fosse do indivíduo. Ou seja, o negro não gosta do negro, simplesmente. Não se leva em conta o modelo de dominação, que nos educa todos como se fôssemos brancos. Depois de muita luta, se vê um pouco no mercado a presença de modelos negros. Antes não havia. Até hoje, todas as apresentadoras de programas infantis são louras e quase sempre de olhos azuis. Então como você quer que essas pessoas se encontrem, se enxerguem na sociedade brasileira? questiona.

A sociedade mostra para o negro qual é o lugar dele. E o lugar é de subalternidade. Esse lugar não é só apresentado do branco para o branco. Também é apresentado do branco para o negro, e do negro para o negro, salienta Jurema Batista. Geralmente um negro, quando trata outro de uma forma ruim, é porque ascendeu a algum posto. E quando isso acontece, se não tem consciência racial, ele acha que já não faz parte daquele grupo extremamente discriminado, que todo mundo sempre disse que não vale muita coisa, que 'quando não faz na entrada, faz na saída'. Então ele tem necessidade de, ao ascender, fazer aliança com quem domina, que são os brancos.

Desde a escravidão, os negros são tidos como não confiáveis, porque fugiam; por isso, não podiam saber das coisas da Casa Grande. Então, quando ganha confiança, tem total aliança com o dono do poder e passa a discriminar seu irmão. É triste, mas ele vira 'preto de alma branca'. Tudo isso é decorrência da educação racista. Tudo que representa conforto, beleza e poder é representado pela raça branca. Você vê uma mulher negra vendendo um carro de mais de R\$ 60 mil? Claro que não, até porque essa não é a nossa realidade, conclui.

O racismo é um problema que não ajuda a sociedade brasileira a avançar, quer dizer, impede que talentos importantes consigam se expressar. Exemplo disso, segundo Ivanir, aconteceu no mês passado quando ele foi à Pontifícia Universidade Católica – PUC do Rio de Janeiro para resolver um problema que tinha ocorrido com um aluno do mestrado. É o único negro no mestrado que fala inglês e francês. Para se inscrever, fizeram exigências absurdas, diferente

dos outros. E olha que ele ainda vai pagar antecipadamente, pelo chamado curso casado com universidade estrangeira, na França. Tive que ir lá conversar com a reitoria, com a vice-reitoria. Não sabiam do problema, porque a reacção é de um departamento. Observe que a PUC faz programa de acção afirmativa. O que demonstra que, mesmo numa universidade que tem sua reitoria empenhada, há resistência, narra. E neste caso, também não se pode dizer que o problema não é racismo e sim de classe social. Estou mostrando um cara que foi executivo, trabalhou em empresa multinacional, completa Ivanir.

O homem negro e a herança traumática do “pós-colonialismo” na linguagem



“Eu libertei muitos escravos e libertaria muito mais se muitos deles soubessem que eram escravos.”

Harriet

Como sabemos a história é sempre escrita pelos vencedores, mas também povo negro venceu e continua na mesma luta contra o racismo, a exploração, a segregação, o ódio e a discriminação racial, o negro fobia, etc.

Talvez muita gente quando fala ou imagina o holocausto africano, imagina-o apenas em relação ao flagelo corporal a que foram sujeitos. Contudo, a MAAFA (holocausto africano) prejudicou os africanos (também os nativos americanos) economicamente, culturalmente, politicamente e, sobretudo mentalmente. Desta forma penso que se deve trabalhar num processo de descolonização em todas estas áreas, principalmente, na parte educativa.

Durante a escravidão, os colonizados foram proibidos de exercer a sua cultura, a sua forma de pensar e de estar, etc. Foram-lhes imposta uma “educação” que consistia na formatação mental, ou seja, na rejeição total da sua cultura e da sua história como povo. O homem negro tinha que se transformar em branco para que pudesse ser aceite como um “ser humano”. (Os livres eram maioritariamente mestiços) Foram-lhes atribuídos nomes e sobrenomes dos seus

senhores brancos escravagistas, porque eles foram roubados em África e não tinham autonomia para decidirem o seu percurso de vida. Proibiram-lhes o uso das suas línguas maternas e foram coagidos a um processo de “aprendizagem” de uma língua estranha. Durante o processo da aprendizagem desta língua diferente, os escravos imitavam o que os seus mestres racistas lhes diziam, contudo apropriaram-se da linguagem dos seus mestres. Linguagem essa que, continha conteúdos racistas, manifestava superioridade branca. O exemplo histórico que podemos tomar é da ladinização dos escravos em Cabo Verde, enviados depois para o Brasil.

Essa linguagem, manifesto da supremacia branca e da inferiorização do homem negro, foi transmitida para os seus descendentes de geração em geração, até que hoje muitos dos negros/mestiços a utilizam sem se aperceberem que estão a inferiorizar a sua própria pessoa e o seu próprio povo.

Actualmente vejo muitos negros/mestiços domésticos a discriminarem os seus irmãos de pele mais escura, por eles terem a cor da pele mais clara, auto denominam-se mulatos.

Vejamos o significado o termo mulato.

- Mulato é um termo que adveio da palavra mula e mula é um animal híbrido porque é o cruzamento de duas espécies diferentes (égua com o jumento). Este termo era utilizado na época da escravatura para repudiar, rejeitar o cruzamento de um negro(a) com um branco(a) porque a sociedade não aceitava isso porque o negro não era considerado ser humano. Este termo ainda é muito utilizado e com orgulho por muitos negros que desconhecem a sua própria história. Esta é uma das heranças do colonialismo na linguagem.

Temos outras atitudes e discursos no nosso dia-a-dia que nos ofendem e nós não nos apercebemos. Observa os exemplos abaixo:

- São muitos que quando um negro comete um erro dizem: “És mesmo preto.” Quer dizer o preto é ignorante.

- Quando vem um negro que é muito escuro dizem, “porra bó é preto sima diabo”. Então o diabo é negro?

- Quando a situação económica de um pobre está estável em Cabo Verde dizem “ Djam branco dja”.

Quando há um negro que estudou e se destaca no meio dos outros dizem “ É um preto de alma branca”.

Quando numa família há um membro que possui comportamentos antagónicos aos outros do seu grupo familiar, costumam utilizar essa linguagem “ É a ovelha negra do rebanho”.

São muitos “doutorados e licenciados” que quando desejam criticar uma teoria ou uma tese utilizam sempre o termo negro(a) para mostrar uma crítica negativa. Como o livro negro do capitalismo, isto é, a parte má do capitalismo. E esta visão ou perspectiva negra de

determinados assuntos surge porque são ideais sem coerência.

O mais irónico é que nós, os negros, também os usamos no nosso dia-a-dia. É estúpido e anti pedagógico quando os “professores”, pedagogos, meios de comunicação social e os demais utilizam este tipo de linguagem, ofendem-me.

Eu sou negro e não me sinto bem por o termo Negro (a) ser sempre utilizado de forma pejorativa. É necessário ter muito cuidado com a linguagem porque por vezes, estão a ter um comportamento racista com os outros e nem se apercebem.

Devemos também tomar cautela com as nossas palavras quando falamos de nós mesmos e dos nossos irmãos. São muitos os exemplos que eu poderia tomar que nós mesmos, negros, utilizamos para ofender o nosso próprio povo e a própria pessoa.

Eu sou negro e tenho orgulho em ser negro. Black is beautiful.

Não tenhas vergonha daquilo que és.

M.N.A.O.

1 Ladinização dos escravos – no processo de colonização, as línguas que os negros falavam foram consideradas como primitivas numa clara demonstração de alegada superioridade cultural. Os escravos após serem aprisionados nas costas africanas eram conduzidos a Cabo Verde, onde passavam por um processo de ladinização, isto é, eram lá cristianizados e treinados para o trabalho escravo antes de seguir para a América.

Racismo a Serviço dos Exploradores

A retórica da superioridade biológica dos brancos em relação ao “outro” foi (e continua a ser) um dos pilares da ideologia racista. Qual negro, imigrante ou cigano que nunca ouviu afirmações de que são menos inteligentes e capazes que os brancos nacionais? No entanto, o discurso racista apresentou algumas variações ao longo dos tempos, complexificando-se. Após o Holocausto nazista, que mostrou a face mais nefasta do racismo, tornou-se difícil para os intelectuais e políticos sustentarem as teorias de inferioridade dos povos que eles consideram “diferentes”. Daí a mudança da retórica da biologia para a cultura, e da raça para a etnia. As teorias da diferença cultural (o multiculturalismo é uma delas) foram criadas neste novo contexto e servem para justificar as políticas restritivas, assimilacionistas ou mesmo violentas junto dos imigrantes e seus descendentes. Portanto, para o imigrante integrar-se à sociedade de acolhimento, será forçado a cortar as rastas, deixar de vestir-se da forma que quiser e romper as ligações com os países de onde ele ou seus pais vieram. Caso isso não

ocorra (assimilação) a probabilidade de conseguir trabalho diminui, o risco de sofrer a violência policial aumenta e o rótulo de ser considerado um indivíduo problemático é aplicado.

Não podemos nos esquecer quem são os principais impulsionadores do racismo e quem são aqueles que estão a lucrar com esta ideologia. Por um lado, o sistema capitalista depende estruturalmente do trabalho imigrante; prova disso é a necessidade dos EUA e da Europa recrutar imigrantes para super explorá-los e obter lucros. No caso português, quem foram os principais construtores da EXPO, da Ponte Vasco da Gama, do Metro e de outras infra-estruturas? Por outro lado, os patrões beneficiam-se de leis de imigração restritivas e que deixam a maioria dos imigrantes em situação irregular para impor baixos salários e condições de trabalho degradantes.

Ao mesmo tempo, os governantes e patrões aproveitam-se do racismo para dividir a classe trabalhadora, incentivando o preconceito entre os trabalhadores nacionais. Esta divisão artificial é alimentada quotidianamente, seja pelos discursos das lideranças políticas de direita, seja pela imprensa dita “popular”. É a velha estratégia de “dividir para reinar”. Assim, o racismo é um dos mecanismos que ajudam os exploradores a manter o seu poder.

Por isso, a luta contra o racismo e pela regularização de todos os imigrantes deve ser encarada como parte integrante das reivindicações de todos os trabalhadores. Só com a unidade de todos os trabalhadores - nacionais e imigrantes, negros e brancos - a luta contra a exploração terá força suficiente para conquistar melhores condições de vida e trabalho e impor grandes derrotas à elite dominante.

Dos livros didáticos ao mercado de trabalho

13/12/2005



O persistente racismo no Brasil tem raízes na cultura predominante na sociedade, que se baseia em valores europeus e não aceita que o problema é de todos. O negro desconhece seus heróis e seu passado. Mas sabe que a cor de sua pele é um dos principais impedimentos para sua ascensão em todos os níveis, principalmente no mercado de trabalho.

A pesquisa Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil e suas Ações Afirmativas, do Instituto Ethos, conduzida pelo Ibope Opinião, em 2003, constatou que a presença de mulheres e de negros nas empresas ainda é reduzida, se comparada à participação desses grupos na sociedade brasileira ou até na População Economicamente Ativa (PEA). Em nível de diretoria, o índice de participação das mulheres é de 9% e o dos negros, de 1,8%.

Esses percentuais aumentam à medida que se desce na escala hierárquica. As mulheres formam 28% do nível de supervisão e 35% do quadro funcional, enquanto os negros são 1,3% dos supervisores e 23,4% do quadro funcional. Ainda segundo a pesquisa, baseada em dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o rendimento médio mensal da população negra ocupada é 50% menor que o da população branca. Para cada ano de estudo a mais, os brancos têm sua renda elevada em 1,25 salário mínimo, enquanto para os negros, essa elevação é de 0,53 salário mínimo.

O racismo para mim é uma doença. E não é só branco que sofre dessa doença, o negro também é exposto a essas idéias. Muitas vezes, discrimina até seu companheiro porque aprendeu que negro vale menos, comenta a deputada estadual Jurema Batista. De acordo com Ivanir dos Santos, secretário-executivo do CEAP (Centro de Articulação de Populações Marginalizadas), as pessoas fingem não lembrar que vivem em uma sociedade que contou com mais de 350 anos de escravidão. Persiste até hoje, no inconsciente, a relação de subalterno e superior.

Isso é reproduzido na escola, nas relações do mundo do trabalho. Não é só a chamada boa aparência. Fica claro no fato de você chegar na escola e ver que não tem nada que fale, que enalteça a cultura negra ou o papel do negro na história brasileira, afirmou. Não é à toa a reação à Lei 10.639, de janeiro de 2003, primeiro ato do governo Lula, que torna obrigatório no ensino fundamental e no ensino médio a História da África e dos afro-descendentes. Essa reação já era esperada pelo movimento negro. O comum é ter só a História da Europa no Brasil. Não se discrimina aquilo que se conhece, valoriza e dignifica. A discriminação é feita de uma forma muito subliminar, quando nega a presença negra e referenda a presença européia. Na História do Brasil os heróis são brancos, você não aprende nada sobre a África, a não ser o Egito, e nem se diz que o Egito é um país africano, lembrou Ivanir dos Santos.

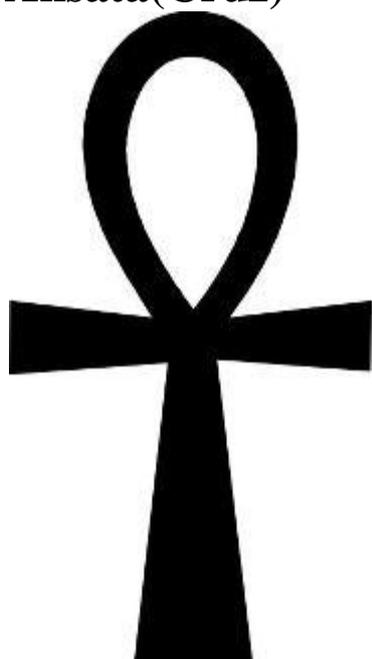
De acordo com o advogado, cantor e compositor Nei Lopes, o Brasil é, desde sempre, um país culturalmente colonizado. Primeiro fomos ingleses, depois, franceses, a seguir, americanos, e hoje somos reféns da indústria cultural transnacional. O colonizado só se identifica com os valores do colonizador. Daí a imagem dos africanos e afro-descendentes no Brasil ser sempre de inferioridade, diz.

O educador Reinaldo Bulgarelli, professor da FGV, diretor da Txai Consultoria em Sustentabilidade e Responsabilidade Social e parceiro do Instituto Ethos, conta que, quando trabalhou em uma instituição privada do mercado financeiro, ouviu constantes comentários sobre um gerente geral. Desconfiei e comecei a pesquisar porque se falava tanto da cor da pele. Descobri que não havia como contestar o seu saber. Ele tinha cursado e concluído com louvor quatro universidades. Até mesmo o relator especial das Nações Unidas para Formas Contemporâneas de Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância, Doudou Diène, que passou 10 dias no Brasil, ficou espantado com as respostas de algumas autoridades, que disseram que não há racismo no Brasil, e apontaram como prova o número de jogadores negros com bons salários no futebol.

Ivanir dos Santos também enfatiza esse aspecto. É como se o indivíduo negro não tivesse que levar em conta a educação que recebeu, toda a pressão feita para que não possa assumir sua identidade, ou seja, ele só pode ser aceito como negro, se for um bom sambista, ou um bom jogador de futebol. Não pode ser um bom médico, um bom engenheiro. É uma coisa bárbara, ou seja, você não se reconhece e escraviza o outro como se tivesse pouco espaço, então só um tem que passar, afirma.

Fala-se muito pouco de negros como o engenheiro André Rebouças, ou de Juliano Moreira, o pai da Psiquiatria brasileira. Hoje, diz Ivanir, há dois heróis no Brasil: Tiradentes e Zumbi. Tiradentes foi em busca de uma coisa que não aconteceu. No entanto, o construíram como uma grande referência. Zumbi fez parte de um processo que levou 100 anos para o Estado colonial brasileiro derrubar, que é Palmares. No entanto, um é feriado nacional e o outro, até para ser feriado estadual, sofreu resistência.

Ansata(Cruz)



"Ansata ou Ankh é uma cruz egípcia, considerada como o símbolo da continuidade da vida, da eternidade, da imortalidade e da vida após a morte. Um dos símbolos mais importantes da tradição egípcia, ela é encontrada a partir da quinta dinastia egípcia, mais frequentemente nos templos de Luxor Medinet Habu, Hatshepsut, Karnak e Edfu. O Ankh pode ser encontrado no túmulo de Amenhotep II onde o deus egípcio Osíris entrega ao faraó a Ankh, que o concederia o controle sobre o princípio dos ciclos naturais, conquistando assim o dom da imortalidade. No século XIX a cruz ansata foi adotada por correntes esotéricas e ocultistas do ocidente, como forma de resgate da tradição egípcia. No Brasil, o cantor Raul Seixas foi um dos popularizadores do Ankh. O selo da Sociedade Alternativa criada por ele possuía um Ankh com dois degraus na haste inferior, simbolizando a ascensão do mago nos degraus da iniciação rumo à imortalidade.

A Cruz é constituída por um círculo entrelaçado a duas pontas opostas, simbolizando a unidade (círculo) originária da síntese dos opostos (duas retas), ou o nascimento da dualidade a partir de uma unidade fundamental. Outros estudiosos acreditam que seu símbolo esteja associado a Isis e Osíris, sendo a cruz uma representação da união entre ambos. Em sociedades esotéricas o Ankh também foi usado como símbolo da imortalidade e da vida eterna. A Ordem Rosacruz adotou a cruz ansata como representante da união do céu e da terra e da permanência da Tradição Egípcia entre os rosacruzes modernos. Os Ocultistas afirmam que a Cruz Ansata encerra um simbolismo muito profundo no Esoterismo."

Mais tarde... mto mais tarde... qdo resolveram copiar os egípcios e inventar a religião cristã (sendo ela uma cópia e a Bíblia uma cópia do Livro dos Mortos do antigo Egito) tomaram a Ankh e a modificaram um bocadinho, tornando-se a cruz o símbolo do cristianismo....

O Pan-Africanismo



"Apesar do nome, o pan-africanismo não nasceu na África, não foi idealizado e nem dirigido nos primeiros anos por africanos. O pan-africanismo foi idealizado por negros norte-americanos e negros antilhanos, em 1900, com o objetivo de expressar seu apoio a algumas comunidades africanas que estavam sendo vítimas de expropriação de suas terras.

Considerado o pai do pan-africanismo, W.Burghardt du Bois, em 1903, passou a liderar os movimentos negros americanos. Fazendo a junção da defesa cultural e da luta pela independência política, conseguiu mobilizar a vontade dos africanos e o apoio da opinião pública em diversos países.

O pan-africanismo foi de extrema importância para esse período, pois era o único meio de transmitir os idealismos africanos. Seu grande mérito foi ter proporcionado aos africanos a oportunidade de tomar uma iniciativa na busca de soluções para seus problemas. O erro primário do pan-africanismo foi o de almejar um tipo de unidade africana impossível de ser colocada em prática. Os partidos da época queriam constituir os “Estados Unidos da África”, unindo todo o continente em um só país.

Após os anos 60, os nacionalistas tinham boa parte do poder dos países independentes em suas mãos, a criação de uma África uniforme se tornou algo impraticável. Porém, esse movimento conseguiu mostrar ao mundo que os negros também têm seus direitos e que sabem lutar pelos mesmos, embora a parte preconceituosa da população mundial diga e pense o contrário. Desta forma, o pan-africanismo pode ser considerado um dos maiores movimentos que defendem os direitos africanos perante o mundo.

AS DUAS ECOLAS DO PAN-AFRICANISMO: O RACIALISMO E O IGUALITARISMO

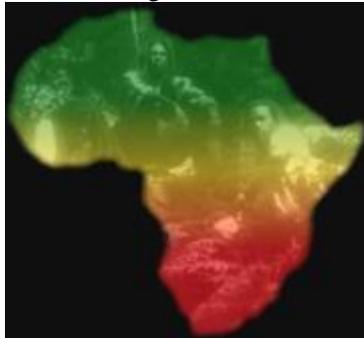
Eles propunham a unidade política de toda a África e o reagrupamento das diferentes etnias, divididas pelas imposições dos colonizadores. Valorizavam a realização de cultos aos ancestrais e defendiam a ampliação do uso das línguas e dialetos africanos, proibidos ou limitados pelos europeus

Pan-Africanismo ou Pan-africanismo é um movimento político, filosófico e social que promove a defesa dos direitos do povo Africano e da unidade do continente africano no âmbito de um único Estado soberano, para todos os africanos, tanto na África como em diáspora.

A teoria panafricanista foi desenvolvida principalmente pelos africanos na diáspora americana descendentes de africanos escravizados e pessoas nascidas na África a partir de meados do

século XX como William Edward Burghardt Du Bois e Marcus Mosiah Garvey, entre outros, e posteriormente levados para a arena política por africanos. Nascida em solo Africano como Kwame Nkrumah.

Introdução



Normalmente se consideram Henry Sylvester Williams e o Dr. William Edward Burghardt Du Bois como os pais da Pan-Africanismo. No entanto, este movimento social, com várias vertentes, que têm uma história que remonta ao início do século XIX. O Pan-Africanismo tem influenciado a África a ponto de alterar radicalmente a sua paisagem política e ser decisiva para a independência dos países africanos. Ainda assim, o movimento tem conseguido dois dos seus principais objetivos, a unidade espiritual e política da África, sob o pretexto de um Estado único, e pela capacidade de criar condições de prosperidade para todos os africanos.

Origens do termo

Pan-Africanismo ou Panafricanismo, vem do grego, pan (toda) e africanismo (referindo-se a elementos africanos). A origem do termo é inserido no corrente filosófica-política historicista do século XIX sobre o destino dos povos. E a necessidade de a unidade de grandes conjuntos culturais ou “nações naturais” a partir do expansionismo imperialista ocidental. É discutido se a autoria da expressão pertence a William Edward Burghardt Du Bois ou Henry Sylvester Williams.

Definição

Em meados do século XX o Pan-africanismo foi explicado como a doutrina política defendida pela irmandade africana, libertação do continente africano de seus colonizadores e ao estabelecimento de um Estado que buscasse a unificação de todo o continente sob um governo africano. Alguns teóricos como George Padmore acrescentaram a partir do segundo grande conflito étnico europeu, a Segunda Guerra Mundial, que o governo panafricano deveria ser gerido segundo as premissas do socialismo científico. Outros teóricos postularam o caminho do rastafarismo político, que defende um governo imperialista.

Originalmente, o pan-africanismo concentrou-se mais sobre a questão racial que no geográfico. Ainda hoje há muitos que defendam o caminho radicalista, visto os problemas de integração do norte da África, que conta com uma história diferenciada árabe, em uma unidade cultural coerente com a África negra. Os objetivos do panafricanismo atual, ainda que sejam semelhantes aos originais, mudaram.

História do Pan-Africanismo

Histórico

No início do século XIX, a escravidão ainda estava em vigor no sul dos Estados Unidos da América, mas não no norte, graças a um decreto de 1787, que estabelecia o limite legal no Rio Ohio. Uma minoria dos negros no norte e seus descendentes, juntamente com os descendentes de escravos que tinham atingido certa posição socioeconômica. Alguns dos representantes desta classe começaram logo a desenvolver um sentimento de fraternidade racial que resultou no movimento "de volta para a África". Entre eles Paul Cuffe, um negro nascido livre navegante, pai de um africano e mãe ameríndia, que promoveu em 1815 uma tímida experiência de repatriamento para a África antecessora Sociedade americana de Colonização fundadora da Libéria, mas os custos da empreitada dissuadiram ele.

No substrato intelectual que propiciaram os movimentos abolicionistas, surgiram desde o início duas tendências na América do Norte: por um lado, os que acreditavam que a escravidão iria acabar, de uma forma ou de outra, e que era necessário encontrar uma casa para ex-escravos na África, a sua terra de origem. Os britânicos tinham estabelecido uma colônia na Serra Leoa entre 1787 e 1808, e ali se destinava às pessoas escravizadas dos barcos escravistas que capturavam.

O outro ponto de vista era dos que afirmaram que os descendentes dos escravos deviam permanecer na América e que inclusive tinham que se fornecer os meios para uma subsistência independente. Mas, entre os mais acirrados abolicionistas não se cria que a raça negra e a raça branca podiam viver no mesmo espaço e prosperar sem um perpétuo conflito. Foi levado em consideração e pensado pelas próprias pessoas negras que de uma forma ou de outra, seriam exploradas pelo sistema do homem branco, enquanto não tivessem a sua própria pátria. O elevado custo de envio de tantas pessoas para a África, fez com que a segunda opção prevalecesse.

Cores Pan-Africanas

Dois diferentes combinações de três cores são referenciadas como as Cores Pan-Africanas: o verde, dourado e vermelho primeiramente usadas na Bandeira da Etiópia, e o vermelho, preto e verde adotadas pela organização internacional sediada nos Estados Unidos, AUPN. Como tal são usadas em bandeiras e outros emblemas para representar Pan-Africanismo, identidade Africana, ou os Negros como raça. "

Panteras Negras



Panteras Negras

"Partido negro revolucionário estadunidense, fundado em 1966 em Oakland - Califórnia, por Huey Newton e Bobby Seale, originalmente chamado **Partido Pantera Negra para Auto-defesa** (no original, "Black Panther Party for Self-Defense", depois, mais conhecido como "Black Panther Party" (Panteras Negras))[1].

A finalidade original do partido era patrulhar guetos negros para proteger os residentes dos atos de brutalidade da polícia. Os **Panteras** tornaram-se eventualmente um grupo revolucionário marxista que defendia o armamento de todos os negros, a isenção dos negros no pagamento de impostos e de todas as sanções da chamada "América Branca", a libertação de todos os negros da cadeia, e o pagamento de compensação aos negros por séculos de exploração branca. Sua ala mais radical defendia a luta armada. Em seu pico, nos anos de 1960, o número de membros dos **Panteras Negras** excedeu 2 mil e a organização coordenou sedes nas principais cidades[2].

Os conflitos entre os **Panteras Negras** e a polícia nos anos de 60 e nos anos de 70 conduziram a vários tiroteios na Califórnia, em Nova Iorque e em Chicago, um desses resultando na prisão de Huey Newton pelo assassinato de um policial.

Na medida que alguns membros do partido eram considerados culpados de atos criminais, o grupo foi sujeitado a uma grande hostilização da polícia que algumas vezes se deu na forma de ataques violentos, despertando investigações no Congresso sobre as atividades da polícia com relação aos Panteras. Nos meados dos anos de 70, tendo perdido muitos de seus membros e diminuído a simpatia de muitos líderes negros estadunidenses, levaram a uma mudança dos métodos do partido, que mudaram da violência para uma concentração na política convencional e em um fornecimento de serviços sociais nas comunidades negras. O partido estava efetivamente desfeito em meados dos anos de 1980.

Protesto na Olimpíada de 1968

Na Olimpíada da Cidade do México, Tommie Smith e John Carlos, dois atletas medalhistas dos EUA, fizeram a saudação "black power", braço estendido com o punho enluvado e fechado, durante a cerimônia de premiação da modalidade. O Comitê Olímpico Internacional (COI) baniu-os dos jogos.

O punho erguido ("Raised Fist") foi usado como símbolo de propaganda do *Black Panther Party*."



PROGRAMA dos 10 pontos do Partido Panteras Negras

O que nós queremos
O que nós acreditamos

1- Queremos liberdade. Queremos o poder para determinar o destino de nossa Comunidade Negra.

Nós acreditamos que o povo preto não será livre até que nós sejamos capazes de determinar nosso destino.

2- Queremos emprego para nosso povo.

Nós acreditamos que o governo federal é responsável e obrigado a dar a cada homem emprego e renda garantida. Nós acreditamos que se o homem de negócios americano branco não nos dá emprego, então os meios de produção devem ser tomados dos homens de negócios e ser colocados na comunidade de modo que o povo da comunidade possa organizar e empregar todas as pessoas e dar-lhes um padrão elevado de vida.

3- Precisamos acabar com a exploração do homem branco na Comunidade Negra.

Nós acreditamos que este governo racista tem nos explorado e agora nós estamos demandando a quitação do débito de quarenta acres de terra e duas mulas. Quarenta acres e duas mulas foram prometidos 100 anos atrás em restituição pelo trabalho escravo e assassinato em massa do povo preto. Nós aceitaremos o pagamento em moeda corrente, que será distribuída às nossas muitas comunidades. Os Alemães estão agora reparando os Judeus em Israel pelo genocídio do povo Judeu. Os Alemães assassinaram seis milhões de Judeus. O Racista Americano tomou parte no massacre de mais de vinte milhões de pessoas pretas; conseqüentemente, nós sentimos que esta é uma demanda modesta que nós fazemos.

4- Nós queremos moradia, queremos um teto que seja adequado para abrigar seres humanos.

Nós acreditamos que se os senhores de terra brancos não dão moradia descente para a nossa comunidade negra, então a moradia e a terra devem ser transformadas em cooperativas

de maneira que nossa comunidade, com auxílio governamental, possa construir e fazer casas descentes para as pessoas.

5- Nós queremos uma educação para nosso povo que exponha a verdadeira natureza da decadente sociedade Americana. Queremos uma educação que nos mostre a verdadeira história e a nossa importância e papel na atual sociedade americana.

Nós acreditamos em um sistema educacional que dê a nossos povos um conhecimento de si mesmo. Se um homem não tiver o conhecimento de si mesmo e de sua posição na sociedade e no mundo, então tem pouca possibilidade relacionar-se com qualquer outra coisa.

6. Nós queremos que todos os homens negros sejam isentos do serviço militar.

Nós acreditamos que o povo preto não deve ser forçado a lutar no serviço militar para defender um governo racista que não nos protege. Nós não lutaremos e mataremos os povos de cor no mundo que, como o povo preto, estão sendo vitimizados pelo governo racista branco da América. Nós nos protegeremos da força e da violência da polícia racista e das forças armadas racista, por todos os meios necessários.

7. Nós queremos o fim imediato da brutalidade policial e assassinato do povo preto.

Nós acreditamos que nós podemos terminar a brutalidade da polícia em nossa comunidade preta organizando grupos pretos de autodefesa que são dedicados a defender nossa comunidade preta da opressão e da brutalidade racista da polícia. A segunda emenda da Constituição dos Estados Unidos dá o direito de portar armas. Nós acreditamos conseqüentemente que todo o povo preto deve se armar para a autodefesa.

8. Nós queremos a liberdade para todos os homens pretos mantidos em prisões e cadeias federais, estaduais e municipais.

Nós acreditamos que todas as pessoas pretas devem ser liberadas das muitas cadeias e prisões porque não receberam um julgamento justo e imparcial.

9. Nós queremos que todas as pessoas pretas quando trazidos a julgamento sejam julgadas na corte por um júri de pares do seu grupo ou por pessoas de suas comunidades pretas, como definido pela Constituição dos Estados Unidos.

Nós acreditamos que as cortes devem seguir a Constituição dos Estados Unidos de modo que as pessoas pretas recebam julgamentos justos. A 14ª emenda da Constituição dos ESTADOS UNIDOS dá a um homem o direito de ser julgado por pares de seu grupo. Um par é uma pessoa com um acumulo econômico, social, religioso, geográfico, ambiental, histórico e racial similar. Para fazer isto a corte será forçada a selecionar um júri da comunidade preta de que o réu preto veio. Nós fomos, e estamos sendo julgados por júris todo-brancos que não têm nenhuma compreensão "do raciocínio do homem médio" da comunidade preta.

10. Nós queremos terra, pão, moradia, educação, roupas, justiça e paz. E como nosso objetivo político principal, um plebiscito supervisionado pelas Nações-Unidas a ser realizado em toda a colônia preta no qual só serão permitidos aos pretos, vítimas do projeto colonial, participar, com a finalidade de determinar a vontade do povo preto a respeito de seu destino nacional.

GRANDES REIS E RAINHAS DA ÁFRICA

HATSHEPSUT

A Rainha mais habilidosa de uma Antiguidade Distante (1503 - 1482 A.C.) Hatshepsut subiu ao poder depois que seu pai, Thutmose I, estava com paralisia. Ele designou Hatshepsut como sua principal ajudante e herdeira para o trono. Enquanto vários rivais masculinos buscavam o poder, Hatshepsut resistiu aos desafios deles para permanecer líder daquela que era até então a principal nação do mundo. Para ajudar a aumentar sua popularidade com o povo do Egito, Hatshepsut teve vários templos espetaculares e pirâmides erguidas. Algumas das altíssimas estruturas ainda hoje permanecem como uma lembrança da primeira governante real de uma nação civilizada. Ela realmente foi " A Rainha mais Habilidosa de uma Antiguidade Distante" e permaneceu assim durante trinta e três anos.

THUTMOSE III

Faraó do Egito (1504 - 1450 A.C.)

Thutmose III era membro de uma das maiores famílias na história da realeza africana, uma família que pôs a base para a 18ª Dinastia do Egito antigo. Mas sua família também foi a fonte de sua maior frustração, pois ele sempre acreditou que ele deveria ter chegado ao poder antes de sua irmã, Hatshepsut, provocando assim uma tremenda irritação na maior parte de sua vida. Ironicamente, entretanto, foram as tarefas que ela lhe deu que não só ajudaram em sua elevação ao poder, mas também lhe ajudaram a aprender e entender as responsabilidades de sua posição na realeza. Thutmose III eventualmente superou sua raiva para se tornar mais importante dos Faraós na história egípcia, um homem que será lembrado como um grande guerreiro que fortaleceu a soberania do Egito e que expandiu sua influência pela Ásia Ocidental.

TIYE

A Rainha Núbia do Egito (1415 - 1340 A.C.)

No 14º século A.C., uma mulher sábia e bonita de Nubia capturou o coração do faraó, e assim ela mudou o curso da história. Amenhotep III, jovem dirigente egípcio, foi tão levado pela beleza, intelecto e vontade de Tiye, que ele desafiou os sacerdotes e os costumes de sua nação, proclamando esta cidadã de Nubia como sua grande Cônjuge Real. Ele expressou publicamente de várias maneiras seu amor

por sua linda rainha negra, fazendo dela uma pessoa célebre e rica em seus próprios direitos. Ele tomava vários conselhos dela em assuntos políticos e militares e depois declarou que, como ele tinha a tratado em vida, assim ela deveria ser descrita na morte, a sua igualdade.

NEFERTARI

Rainha Nubia de Egito (1292 - 1225 A.C.)

Uma das muitas grandiosas rainhas da Nubia, Nefertari é anunciada como a rainha que se casou para a paz. O matrimônio dela com o Rei Rameses II do Egito, um dos últimos grandes faraós egípcios, começou estritamente como um movimento político, com o poder sendo compartilhado entre dois líderes. Isso não só se transformou em um dos maiores casos de amor na realeza da história, mas colocou um fim na guerra dos 100 anos entre Nubia e Egito. Mesmo até hoje, um monumento permanece em honra da Rainha Nefertari. Na realidade, o templo que Rameses construiu para ela em Abu Simbel, é uma das maiores e mais belas estruturas construídas para honrar uma esposa e celebrar paz.

MAKEDA

Rainha de Sheba (ou Sabá) (960 A.C.)

Ela deu para o rei 120 talentos de ouro, variados temperos e pedras preciosas; lá não chegou mais nenhuma abundância de temperos como estes que a Rainha de Sheba deu ao Rei Salomão ". (Reis, 10:10) A passagem Bíblica recorre aos presentes que Makeda apresentou ao Rei Salomão de Israel em sua famosa viagem para visitar o monarca de Judá. Mas o presente de Makeda para Solomon se estendeu além de objetos materiais; ela também lhe deu um filho, Menelik I. A notável semelhança do menino com o avô (o grande Rei Davi) incitou Salomão a re-batizar Menelik. Salomão mais tarde re-nomeou seu filho como seu próprio pai, o Rei Davi.

TAHARQA

Rei de Nubia (710 - 664 A.C.)

Com dezesseis anos, este grande Rei de Nubia conduziu seus exércitos contra os assírios que invadiam seu aliado, Israel. Esta ação lhe deu um lugar na Bíblia (Isaias 37:9, 2 Reis 19:9). Durante os 25 anos de seu reinado, Taharqa controlou o maior império da África antiga. Seu poder só foi igualado pelos assírios. Estas duas forças sempre estavam em conflito, mas apesar da guerra contínua, Taharqa pôde iniciar um programa de construção ao longo do império que estava subjungando em extensão. Os números e a majestade de seus projetos eram legendários, com o maior sendo o templo a Gebel Barkal no Sudão. O templo foi escavado da pedra viva e

enfeitado com imagens de Taharqa com mais de 100 pés de altura.

HANNIBAL

Dirigente de Cartago (247 - 183 A.C.)

Considerado um dos maiores generais de todos os tempos, Hannibal e seus poderosos exércitos africanos conquistaram as porções principais da Espanha e da Itália, e estiveram muito perto de derrotar o superpoderoso Império Romano. Nascido em Cartago, país ao norte da África, Hannibal tornou-se general do exército aos vinte e cinco anos. Seus audaciosos movimentos como marchar com o exército em elefantes africanos de guerra pelos Alpes traiçoeiros para surpreender e conquistar o norte da Itália, e seu gênio tático, foram ilustrados pela batalha de Cannae onde seu exército, aparentemente capturado, com inteligência cercou e destruiu uma força romana muito maior, lhe rendeu um reconhecimento que se expandiu por mais de 2000 anos.

CLEÓPATRA VII

Rainha do Egito (69 - 30 A.C.)

A mais famosa das sete matriarcas com este nome, Cleópatra subiu ao trono aos dezessete anos. A jovem rainha é freqüentemente retratada de forma errada como uma caucasiana (raça branca), porém ela tinha descendência grega e africana. Dominando vários idiomas diferentes e vários dialetos africanos, ela foi um importante instrumento além das fronteiras do Egito. Se esforçando para dar ao Egito a supremacia mundial, Cleópatra recrutou os serviços militares de dois grandes líderes romanos. Ela persuadiu Júlio César e, depois, Marco Antônio para renunciar as submissões romanas deles para lutar em nome do Egito. Porém, cada um conheceu a morte assim que os sonhos de conquistas de Cleópatra se realizaram. Desanimada, Cleopatra se matou, colocando um fim na vida da rainha africana mais célebre do mundo.

TENKAMENIN

Rei de Gana (1037 - 1075)

O país de Gana alcançou a altura de sua grandeza durante o reinado de Tenkamenin. Através de sua administração cuidadosa do comércio de ouro pelo deserto do Saara na África Ocidental, o império de Tenkamenin floresceu economicamente. Mas sua maior força estava no governo. Todo dia ele ia a cavalo e escutava os problemas e preocupações de seu povo. Ele insistiu que a ninguém fosse

negada uma audiência e que lhes permitissem permanecer em sua presença até que a justiça fosse feita.

MANSA KANKAN MUSSA

Rei de Mali (1306 - 1332)

Líder extravagante e uma figura do mundo, Mansa Mussa se distinguiu como um homem que fez de tudo em uma grande escala. Homem de negócios realizado, ele administrou vastos recursos para beneficiar seu reino inteiro. Ele também era um estudante, e importou notáveis artistas para levantar a consciência da cultura de seu povo. Em 1324 ele conduziu seu povo no Hadj, uma peregrinação santa de Timbuktu para Mecca. Sua caravana consistia em 72,000 pessoas que ele conduziu seguramente pelo Deserto do Saara a uma distância total de 6,496 milhas. Tão espetacular era este evento, que Mansa Mussa ganhou o respeito de estudantes e comerciantes ao longo da Europa, e ganhou prestígio internacional por Mali como um dos maiores e mais ricos impérios do mundo.

SUNNI ALI BER

Rei de Songhay (1464 - 1492)

Quando Sunni Ali Ber chegou ao poder, Songhay era um pequeno reino no Sudão ocidental. Mas durante seu reinado de vinte e oito anos, esse reino se transformou no maior e mais poderoso império da África Ocidental. Sunni Ali Ber organizou um exército notável e com esta força feroz o rei guerreiro ganhou várias batalhas. Ele derrotou os nômades, aumentou as rotas de comércio, conquistou aldeias, e ampliou seu domínio. Ele capturou Timbuktu, trazendo para o império de Songhay um centro mais amplo de cultura de comércio, e bolsa de estudos muçulmano.

JA JA

Rei de Opobo (1464 - 1492)

Jubo Jubogha, filho de um membro desconhecido do povo Ibo, foi forçado a escravidão aos 12 anos, mas ganhou a liberdade ainda jovem e se tornou um comerciante independente (conhecido como Ja Ja pelos europeus). Ele tornou-se chefe de seu povo e da cidade oriental nigeriana de Bonny. Ele mais tarde se tornou rei de seu próprio território, Opobo, uma área perto do rio oriental da Nigéria, mais favorável ao comércio. Com o passar dos anos, governos europeus, principalmente o britânico, tentaram controlar o comércio da Nigéria. A resistência feroz de Ja Ja a qualquer influência externa acabou o levando ao exílio aos 70 anos

pelos britânicos, para as Índias Ocidentais. O maior chefe Ibo do século XIX nunca mais viu seu reino.

MOSHOESHOE

Rei de Basutoland (1518 - 1568)

Por meio século, o povo de Basotho foi governado pelo fundador de sua nação. Moshoeshoe foi um rei sábio e justo que era brilhante em diplomacia quando estava em batalha. Ele uniu diversos grupos, desarraigados pela guerra, em uma sociedade estável onde a lei e a ordem predominaram e as pessoas puderam criar suas colheitas e seu gado em paz. Ele sabia que a paz tornava a prosperidade possível, e ele freqüentemente evitava conflitos através de hábeis negociações. Moshoeshoe solidificou as defesas de Basotho em Thaba Bosiu, sua incontestável capital montanhosa. Deste lugar seguro ele obteve várias vitórias sobre forças superiores.

IDRIS ALOOMA

Sultão de Bornu (1580 - 1617)

Dois séculos antes de Idris Aloomá se tornar Mai (o Sultão) de Bornu, Kanem era uma terra separada onde as pessoas tinham sido expulsas por seus primos nômades, os Bulala. Isto fez com que um dos mais extraordinários governantes africanos reunisse os dois reinos. Idris Aloomá era um muçulmano devoto. Ele substituiu a lei tribal pela lei muçulmana, e no começo de seu reinado fez uma peregrinação a Mecca. A viagem tinha um significado tanto militar como religioso, de onde ele retornou com armas de fogo turcas e depois comandou um exército inacreditavelmente forte. Eles marchavam rapidamente e atacavam de repente, esmagando tribos hostis em campanhas anuais. Finalmente Idris conquistou Bulala, estabelecendo domínio sobre o império de Kanem-Bornu e uma paz que durou meio século.

NZINGHA

Rainha Amazôna de Matamba, África Ocidental (1582 - 1663)

Muitas mulheres estiveram entre as grandes dirigentes da África, inclusive esta rainha angolana que era uma astuta diplomata e se sobressaiu bem como líder militar. Quando os escravizadores portugueses atacaram o exército do reino de seu irmão, Nzingha foi enviada para negociar a paz. Com habilidade surpreendente e tato político ela se impôs, apesar do fato de seu irmão ter matado uma criança dela. Mais tarde ela formou seu próprio exército contra os portugueses, e

empreendeu uma guerra durante quase trinta anos. Estas batalhas viram um momento sem igual na história colonial quando Nzingha aliou sua nação aos os holandeses, fazendo assim a primeira aliança européia africana contra um opressor europeu. Nzingha continuou com sua considerável influência entre seus assuntos, apesar de estar em exílio forçado. Por causa de seu apelo pela liberdade e seu direcionamento para trazer a paz ao seu povo, Nzingha permanece como um forte símbolo de inspiração.

SHAMBA BOLONGONGO

Rei Africano da Paz (1600 - 1620)

Saudado como um dos maiores monarcas do Congo, o Rei Shamba não teve desejo maior do que preservar a paz, que é refletida em uma comum citação sua: "Não mate nenhum homem, nem mulher, nem criança. Eles não são as crianças de Chembe (Deus), e eles não têm o direito de viver?" Ele freqüentemente viajava para aldeias distantes que usavam sua faca com lâmina de madeira, reconhecida como um meio exclusivo de armamento do estado. Shamba também era notável em promover artes e barcos, e por projetar uma forma complexa e extremamente democrática de governo que caracteriza um sistema de empecilhos e equilíbrios. O governo era dividido em setores que incluíam o exército, filiais judiciais e administrativas que representavam todas as pessoas de Bushongo.

OSEI TUTU

Rei de Asante (1680 - 1717)

Osei Tutu foi o fundador e o primeiro rei da nação de Asante, um grande reino da floresta ocidental africana onde agora é Gana. Ele conseguiu convencer meia dúzia de chefes desconfiados a juntarem seus estados sob a liderança de Osei quando, de acordo com lenda, o Tamborete Dourado desceu do céu e permaneceu nos joelhos de Osei Tutu, significando sua escolha pelos deuses. O Tamborete Dourado se tornou um símbolo sagrado da alma da nação que estava especialmente destinada desde que o ouro era a principal fonte de riqueza de Asante. Durante o reinado de Osei Tutu, a área geográfica de Asante triplicou em tamanho. O reino tornou-se um poder significante que, com a coragem militar e sua política como um exemplo, se sustentaria durante dois séculos.

NANDI

Rainha da Terra Zulu (1778 - 1826)

O ano era 1786. O rei da terra Zulu era jubiloso. Sua espôsa, Nandi, tinha dado luz a seu primeiro filho, que eles chamaram Shaka. Mas as outras esposas do Rei, que era ciumento e frio,

o pressionaram a banir Nandi e o jovem menino em exílio. Firme e orgulhosa, ela criou seu filho com o tipo de treinamento e orientação que um herdeiro real deveria ter. Depois ela e seu filho foram finalmente recompensados e mais tarde Shaka retornou para se tornar o maior de todos os Reis Zulus. Até hoje o povo Zulu usa seu nome, "Nandi ", para se referir a uma mulher de alta estima.

SHAKA

Rei dos Zulus (1818 - 1848)

Líder forte e inovador militar, Shaka é notável por revolucionar no 19º século a guerra Bantu pelo primeiro agrupamento de regimentos por idade, e treinando seus homens para usar armas unificadas e táticas especiais. Ele desenvolveu a " azagaia ", uma lança curta, e marchou com seus regimentos em formação apertada, usando grandes proteções para se defender dos inimigos que lançavam lanças. Com o passar dos anos, as tropas de Shaka ganharam tal reputação que muitos inimigos fugiam. Com astúcia e confiança com suas ferramentas, Shaka tornou uma pequena tribo Zulu em uma nação poderosa de mais de um milhão de pessoas, unido todas as tribos da África do Sul contra o regime colonial.

KHAMA

O Rei Bom de Bechuanaland (1819 - 1923)

Khama distinguiu seu reinado como sendo altamente considerado como um governante pacífico com o desejo e habilidade para extrair inovações tecnológicas dos europeus enquanto resistia às tentativas deles para colonizar seu país. Tais avanços incluíram a construção de escolas, alimentos científicos para gado, e a introdução de um corpo de exército policial montado que praticamente eliminou todas as formas de crime. O respeito para Khama foi exemplificado durante uma visita a Rainha Victoria da Inglaterra para protestar contra a permanência inglesa em Bechuanaland em 1875. Os ingleses honraram Khama, confirmado seu apêlo para a continuação da liberdade para Bechuanaland.

SAMORY TOURE

O Napoleão Negro do Sudão (1830 - 1900)

O ascendência de Samory Toure começou quando sua terra natal Bissandugu foi atacada e sua mãe levada capturada. Depois de insistentes apelos, Samory teve permissão para assumir o lugar da mãe, mas depois fugiu e se alistou no exército do Rei Bitike Souane de Torona. Seguindo uma elevação rápida pelos graus do exército de Bitike, Samory voltou a Bissandugu onde logo foi instalado como rei e

desafiou expansionismo francês na África lançando uma conquista para unificar a África Ocidental em um único estado. Durante o conflito de dezoito anos com a França, Samory continuamente frustrou os europeus com suas táticas e estratégias militares. Esta astuta coragem militar incitou alguns dos maiores comandantes da França para intitular o monarca africano de " O Napoleão Negro do Sudão ".

MENELIK II

Rei dos Reis da Abissínia (1844 - 1913)

Descendente da lendária Rainha de Sheba (ou Sabá) e do Rei Salomão, Menelik foi a figura principal naqueles tempos na África. Ele converteu um grupo de reinos independentes em um império forte e estável conhecido como os Estados Unidos de Abissínia (a Etiópia). O feito dele em reunir vários reinos que freqüentemente se opuseram fortemente uns aos outros, lhe deu um lugar como um dos grandes estadistas de história africana. As realizações adicionais dele na cena internacional lidando com os poderes mundiais, culminou com a vitória atordoante da Etiópia em cima da Itália em 1896 na Batalha de Adwa (uma tentativa para invadir o país) o colocou entre os grandes líderes da história mundial e manteve a independência do país até 1935.

NEHANDA

Guerreira do Zimbábue

Nascida em uma família religiosa, Nehanda exibiu liderança notável e habilidades organizacionais, e a uma idade jovem se tornou um dos líderes religiosos mais influentes do Zimbábue. Quando os colonos ingleses invadiram o Zimbábue em 1896 e começaram a confiscar a terra e o gado, Nehanda e outros líderes declararam guerra. A princípio eles alcançaram grande sucesso, mas como os materiais se esgotaram, foram vencidos no campo de batalha. Nehanda foi capturada, culpada e executada por ordenar a matança de um notável e cruel chefe nativo. Apesar de estar morta por quase cem anos, Nehanda permanece o que ela era quando viva - a única pessoa mais importante na história moderna do Zimbábue, e ainda é chamada de Mbuya (avó) Nehanda por patriotas do Zimbábue.